

JADSON PORTO
ORGANIZADOR

DISCURSOS DA ACADEMIA AMAPAENSE DE LETRAS



Uniedusul



JADSON PORTO
ORGANIZADOR

DISCURSOS DA ACADEMIA AMAPAENSE DE LETRAS



Uniedusul



© Copyright © 2023 - Todos os direitos reservados aos autores desta obra

Capa: Jadson Porto
Dia de Solstício de junho na Fortaleza de São José, Macapá, Amapá, Brasil.



Academia Amapaense de Letras
Presidente Fernando Pimentel Canto.
Vice-presidente: Paulo Fernando Batista Guerra
Secretário: Paulo Tarso Barros.
Tesoureiro: Benedito Rostan Costa Martins.
Diretor de Biblioteca e Arquivo: Jadson Luís Rebelo Porto.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D611 Discursos da Academia Amapaense de Letras [livro eletrônico] /
Organizador Jadson Porto. – Maringá, PR: Uniedusul, 2023.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5418-055-9

1. Academia Amapaense de Letras – Discursos. I. Porto, Jadson.
CDD 808

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei no 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do código penal.

O organizador informa que as revisões ortográfica e de digitação são de responsabilidade dos autores.

MEMBROS DA ACADEMIA AMAPAENSE DE LETRAS

| Cadeira | Patrono | Fundador | Efetivo |
|----------------|-------------------------------|--------------------------------------|--------------------------------------|
| 1 | Acyllno de Leão Rodrigues | Heitor de Azevedo Picanço | Gilberto de Paula Pinheiro |
| 2 | Raimundo Álvares da Costa | Adaury Salles Farias | Adaury Salles Farias |
| 3 | Benedito Alves Cardoso | Ricardo Pontes | Ricardo Pontes |
| 4 | Coaracy Gentil Nunes | Fernando Pimentel Canto | Fernando Pimentel Canto |
| 5 | Cora Rola de Carvalho | Maria Ângela da Costa Nunes | Maria Ângela da Costa Nunes |
| 6 | Desidério Antônio Coelho | Tiago de Oliveira Quingosta de Sousa | Tiago de Oliveira Quingosta de Sousa |
| 7 | Deusolina Salles Farias | Amaury Guimaraes Farias | Benedito Rostan Costa Martins |
| 8 | Cônego Domingo Martêz | Dom Luiz Soares Vieira | Dom Luiz Soares Vieira |
| 9 | Emílio Goeldi | Antônio Cabral de Castro | Antônio Cabral de Castro |
| 10 | Francisco Torquato de Araújo | Nilson Montoril | Vago |
| 11 | Gabriel de Almeida Café | Ivan Carlo A. de Oliveira | Ivan Carlo A. de Oliveira |
| 12 | Georgenor de Souza Franco | Georgenor de Souza Franco Filho | Georgenor de Souza Franco Filho |
| 13 | Gonçalves Tocantins | Jackson Corrêa da Silva | Jackson Corrêa da Silva |
| 14 | Hildemar Pimentel Maia | Piedade Lino Videira | Piedade Lino Videira |
| 15 | Janary Gentil Nunes | Estácio Vidal Picanço | Fernando Rodrigues dos Santos |
| 16 | Jarbas Amorim Cavalcante | Paulo Fernando Batista Guerra | Paulo Fernando Batista Guerra |
| 17 | Joaquim Caetano da Silva | Jadson Porto | Jadson Porto |
| 18 | Joaquim Gomes Diniz | João Wilson Savino Carvalho | João Wilson Savino Carvalho |
| 19 | João Álvares de Azevedo Costa | Maria José Araújo Souza | Maria José Araújo Souza |
| 20 | João Távora | Elfredo Távora Gonçalves | César Bernardo de Souza |

MEMBROS DA ACADEMIA AMAPAENSE DE LETRAS

| Cadeira | Patrono | Fundador | Efetivo |
|----------------|--------------------------------------|---------------------------------|---------------------------------|
| 21 | Jovino Albuquerque Dinoá | João do Nascimento Barbosa | João do Nascimento Barbosa |
| 22 | Lúcio Mariolino Soheiro | Saulo Carneiro Ribeiro Torquato | Saulo Carneiro Ribeiro Torquato |
| 23 | Manuel Valente Flexa | Luiz Alberto Costa Guedes | Luiz Alberto Costa Guedes |
| 24 | Francisco Xavier de Mendonça Furtado | Ruben Bemerguy | Ruben Bemerguy |
| 25 | Joaquim de Mendonça Júnior | Alcy Araújo Cavalcante | Alcinéa Maria Cavalcante Costa |
| 26 | Oscar Santos | Edgar de Paula Rodrigues | Edgar de Paula Rodrigues |
| 27 | Otton Accioly ramos | Otton Miranda de Alencar | Vago |
| 28 | Pe. Júlio Maria de Lombarde | Jorge Basile | Cléo Farias de Araújo |
| 29 | Paulo Eleutério Cavalcante | Arthur Nery Marinho | Manoel Azevedo d e Souza |
| 30 | Pauxy Gentil Nunes | Paulo Roberto Matias de Souza | Paulo Roberto Matias de Souza |
| 31 | Paulo Ledoux | José de Alencar Feijó Benevides | Paulo Tarso Silva Barros |
| 32 | Reinaldo Damasceno | Antônio Carlos da Silva Farias | Antônio Carlos da Silva Farias |
| 33 | Roque de Souza Penafort | Hélio Guarany Pennafort | Francisco Osvaldo Simões Filho |
| 34 | Uriel Sales de Araújo | Mauro Sérgio Soares Rabelo | Mauro Sérgio Soares Rabelo |
| 35 | Matheus Valente do Couto | Cristóvão Lins | Cristóvão Lins |
| 36 | Alexandre Vaz Tavares | Manoel Bispo Corrêa | Manoel Bispo Corrêa |
| 37 | Francisco Xavier da Veiga Cabral | Raquel Tourinho Braga | Raquel Tourinho Braga |
| 38 | Vicente Portugal Júnior | Antônio Munhoz Lopes | José Queiroz Pastana |
| 39 | Waldemiro Gomes | José Alberto Tostes | José Alberto Tostes |
| 40 | Walkíria Ferreira Lima | Isnard Brandão de Lima Filho | Carlos Nilson da Costa |

TRIBUTOS À ACADEMIA AMAPAENSE DE LETRAS

Saulo Ribeiro Torquato
Cadeira 22, Patrono: Lúcio Mariolino Soheiro
Macapá, 21/06/2023.

Outrora, só a vontade de utopistas
e o desdém de outros sem nome,
quiçá, pelos cantos a cochicharem:
"Quanta pretensão, mal saíram dos cueiros!"
(seria um julgo tacanha e mesquinho).
Talvez, porque não tivessem em conta
que aqui - em terra Tucuju -
se reproduzia a mesma crítica
do Brasil-Colônia frente à Portugal:
'Não fora a emancipação que, inopino,
fizera nascer a elite cultural do império,
ela só floresceu, de há muito era gestada.'.

No passado, o sonho que batia no muro
fazia alguns "loucos" sonhadores
imaginarem que, se o ultrapassassem,
algum horizonte melhor haveria além.
Porém, até chegar o dia dos "loucos",
quantos outros sonharam em vão?

E então a noite passou; um novo dia nasceu;
e era o dia de plantar aquela história
do intransponível, que terno se entregava:
caía a parede mais visível da ignorância!

Esse foi apenas o primeiro passo,
num domingo de junho de 1953:
doze mãos se uniram a mais cinco
por uma improvável aurora,

ao abrigo da olvidada menina morena,
mas detentora de dois hemisférios
(há um decênio, a certidão fora lavrada).

Homens de um acalentado anseio
que parecia quase impossível:
'passar de um simples córrego a riacho,
deste a rio, até chegar – maduro -
a outro tão caudaloso quanto
o próprio Amazonas,
cuja menina vira nascer?.

Muitos lutaram pelo que não veriam,
mas aquela menina testemunharia,
esperançosa, que no mesmo rio que a banhava,
muita água teria que rolar
até que, já senhora e independente,
pudesse contemplar o florescimento
de um pé de flor-de-lis lá plantado
(o sonho daqueles pioneiros!).

Lançavam-se ali as bases
daquilo que ninguém sabia
e que levaria trinta e cinco anos
só para a semente germinar;
outras três décadas apenas para vingar
os tenros brotos (num segundo fôlego
de iniciativa improvável, embora
dos mais nobres valores).
Ah! Quão digno esforço!
Mesmo assim, exíguo, frente
à apatia cultural reinante.
O caprichoso tempo exigia: Mais!

E um terceiro e quarto fôlegos ainda seriam necessários,
agora, sob um novo século
para, enfim, ser crível um florescer
a assegurar a memória de um povo;
que sua produção intelectual e cultural
tivesse um destino digno e à altura
de qualquer de suas coirmãs;
que se pudesse reunir num só lugar,
a capitanear o desenvolvimento
de uma identidade deveras amapaense.

Olhando para trás, percebe-se
que os poucos e "loucos"
que deram crédito àquela cerimônia
tão singela no Cine Teatro Territorial:
o tempo provou serem ilustres de fé,
sem aquele ideal de outrora,
inexistiria legado de relevância
e estar-se-ia no mar da ignorância.

Sim! Louvem-se os abnegados de outrora:
ninguém seria, se não tivessem feito!
Bem como, daqueles que, hoje,
carregam tão nobre e árdua missão

Pioneiros ilustres: Benedito Alves Cardoso;
Gabriel de Almeida Café; João Elias Nazaré Cardoso;
Nelson Geraldo Sofiatti; Heitor de Azevedo Picanço;
Amilcar da Silva Pereira; Célio Rodrigues Cal;
Uriel Sales de Araújo; Oton Accioly Ramos;
Mário Medeiros Barbosa; Lício Mariolino Solheiro e;
Jarbas Amorim Cavalcante.

Pioneiros ilustres (honorários): Janary Gentil Nunes;
Coaracy Gentil Monteiro Nunes; Hildemar Pimentel Maia;
Diniz Henrique Botelho e; Altino Pimenta.

Ilustres da segunda onda: Georgenor Franco Filho;
Nilson Montoril de Araújo; Antônio Cabral de Castro;
Antônio Carlos Farias; Paulo Fernando Batista Guerra;
Don Luiz Soares Vieira; Dagoberto Damasceno Costa;
Fernando Pimentel Canto; Manoel Bispo Correa;
Luiz Alberto Guedes; Alcy Araújo Cavalcante;
Aracy Miranda de Mont'Alverne; Estácio Vidal Picanço;
Hélio Guarany Pennafort; Alfredo Távora Gonçalves;
Jorge Basile, Arthur Nery Marinho; Heitor de Azevedo
Picanço, Isnard Brandão Filho; José de Alencar Feijó
Benevides; Amaury Guimarães Farias e; Antônio Munhoz
Lopes.

Ilustres da terceira onda (2017): Gilberto de Paula Pinheiro;
Benedito Rostan Costa Martins; Piedade Lino Videira;
Fernando Rodrigues dos Santos; César Bernardo de Souza;
Alcinéa Maria Cavalcante Costa; Cléo Farias de Araújo;
Manuel Azevedo de Souza; Paulo Tarso Silva Barros;
Francisco Osvaldo Simões Filho; José Queiroz Pastana e;
Carlos Nilson da Costa.

Ilustres da quarta onda (2022): Adaury Salles Farias;
Ricardo Augusto dos Santos Pontes; Maria Ângela da Costa Nunes;
Tiago de Oliveira Quingosta de Souza; Ivan Carlo Andrade de
Oliveira; Jackson Corrêa da Silva; Jadson Luís Rebelo Porto;
João Wilson Savino Carvalho; Maria José Araújo de Souza;
João Nascimento Barbosa; Saulo Carneiro Ribeiro;
Ruben Bemerguy; Edgar de Paula Rodrigues; Pastor Otton Miranda
de Alencar; Paulo Roberto da Conceição Matias de Souza; Mauro
Sérgio Soares Rabelo; Cristóvão Tertuliano de Almeida Lins; Raquel
Tourinho Braga e; José Alberto Tostes.

Certo, ainda há muito a se fazer;
ninguém se engane!
Mas já se pode perguntar:
Quem se atreveria maldizê-la
ou ignorá-la, com raízes tão fundas?
A árvore mais vistosa e frondosa
pode não ser a que mais dure
se não tem raízes bem fincadas.
Viva a Academia Amapaense de Letras,
seus setenta anos fizeram-na inarrancável!

PREFÁCIO

Prefaciар, entendo colocar primeiro a face, ou seja, algo que o leitor vai se deparar, ao abrir este livro.

Orgulho ao ser a escolhida para estas linhas, dentre tantos escritores e poetas do Brasil; Jadson Porto, o organizador, e o atual presidente, professor Fernando Canto, são dois exemplares sócios-correspondentes de nossa Academia de Letras José de Alencar, entidade co-irmã da Academia Amapaense de Letras.

Contando sobre a nossa Academia, foi fundada no Paraná, em 4 de outubro de 1939, por escritores, poetas, pensadores que também faziam parte da Academia Paranaense de Letras. Estes resolveram criar como esta bela entidade cultural, 40 cadeiras patronímicas e, de lá para cá, só gente maravilhosa a apontar neste imenso Brasil.

Agora na Presidência, tenho a honra de ver o belo trabalho da Amapaense, um livro histórico com discursos que marcam o momento, como os 70 anos da entidade, palestra proferida pelo Professor Canto. Quem merece o nosso encanto!

Tiveram 30 anos de lacunas, conforme palavras do professor Jadson, até que um grupo resolveu reacender a chama da Cultura. Dormiu por algum tempo, mas não os poetas e escritores que continuaram com a nobre missão de colocar ao leitor o melhor de si, em verso e em prosa. Até em trovas, letras de música, em especial podendo destacar o Hino do Amapá, belo, firme com futuro brilhante.

Dia do Solstício e outras datas importantes vem em belos discursos, como se o leitor estivesse sentado numa sala a conversar. Tudo leve, a contar a verdade sobre a Cultura, fazendo com que as palavras ditas e ouvidas marquem com letras de ouro a verdadeira História do Amapá.

Querer que páginas e mais páginas sejam lidas em solenidades, é demais para quem ouve e também para aqueles que estão a discursar. Assim, vemos belos textos elevando escritores de outras épocas e de outros países, ao mesmo tempo em que todos enaltecem este Estado promissor.

Vale a pena ter em mãos sempre esta obra literária, sentir o que os escritores querem dizer com palavras que calam na alma e vão direto ao coração de quem ama o Brasil acima de tudo.

Exemplo esta Academia!

Exemplo todos os ocupantes das 40 cadeiras patronímicas, quer do presente, quer aqueles que ousaram partir antes. Mas aqui deixaram seu legado. Muitas crônicas, poemas, palavras que o vento não leva.

Alegria para nossa Academia estarmos mais uma vez, com estes brilhantes cidadãos que usam da palavra para expressar o sentimento de tantos que pensam, mas não conseguem colocar para fora o que lhes passa à mente.

Daí vem estes discursos premiados pelas estrelas, todos belos a marcar a data feliz, como que a desejar mais e mais instantes a comemorar neste belo Amapá.

Palavras reverberam e se espalham pelo Brasil e pelo mundo.

Se era a intenção dos escritores?

Tornou realidade, no instante em que a equipe resolveu unir todos os discursos em um livro. Com certeza, irá percorrer escolas, universidades, e até os meios políticos, onde alguns poderão seguir os belos exemplos.

De parabéns Academia de Amapaense de Letras, na certeza de que o leitor irá se deleitar em todas as páginas. E, ao final, virá a palavra que o escritor tanto gosta de ouvir: “quero mais”!

Agradeço a oportunidade de, mesmo tão longe, sentir nossa Academia tão perto desta Amapaense que veio para ficar, e marcar para sempre a verdadeira História do Brasil.

Loas aos escritores!

Loas aos leitores!

De braços abertos, recebemos todos em pensamento, neste belo Paraná.

Boa leitura!

Anita Zippin.

Advogada, escritora.

Presidente da Academia de Letras José de Alencar.

Diretora do Observatório da Cultura Paranaense.

APRESENTAÇÃO

Fundada em 21 de junho de 1953, a Academia Amapaense de Letras se tornaria mais uma peça no quebra-cabeças de uma multiplicidade de vozes e desejos no sentido de se criar uma unidade para o Território Federal do Amapá, prestes a completar sua primeira década. Sob o comando de Janary Gentil Nunes (1912-1984), o Amapá precisava mostrar autonomia em relação ao Pará, de quem se desligara politicamente através de Decreto-Lei n. 5.812, de 13 de setembro de 1943, assinado pelo então presidente da República, Getúlio Vargas (1882-1954). Esse desejo de autonomia do Território Federal passa, então, pela emergência de uma sociedade organizada economicamente em setores produtivos que tinha no funcionalismo público uma necessidade interna para o funcionamento do Território, mas também criava uma elite cultural na sociedade amapaense, alavancada com a instalação da ICOMI (Indústria e Comércio de Minérios S. A.) por ocasião da exploração, na década de 1950, das jazidas de manganês na região de Serra do Navio, a partir do ideário do *American Way of Life*.

Para tanto, a fim de sustentar o discurso de um Amapá pré-territorial dependente do Pará e, portanto, com seu espaço subaproveitado – narrativa interessante à permanência de Janary Nunes no poder e reforçada pela construção de um heroísmo em torno desse desbravador de um lugar hostil em espaço útil –, o primeiro governador do Território Federal do Amapá ajudaria a moldar em torno de si uma aura de construtor de um espaço inexistente, aquele que tornaria o Amapá a terra das oportunidades e a “cabeça” do Brasil, que apontaria para um “futuro repleto de louros”, como diz o hino do Amapá.

Assim, a presença da Academia Amapaense de Letras ajuda no entendimento da criação do Amapá em torno de dispositivos em que uma cultura letrada seria necessária para retirar definitivamente desse lugar a pecha de hostil e inculto. No afã de criar não apenas um espaço menos hostil e mais utilitário para o Amapá, Janary Nunes acabou se destacando também por ser aquele que instalaria um circuito favorável à produção, à circulação e ao consumo de bens culturais como a Literatura: foi assim com a criação do *Jornal Amapá*, em 1945

– fonte onde desaguava praticamente toda a produção em poesia e em prosa dos escritores que aqui passariam a se destacar como a primeira geração da Literatura Amapaense no período do Território Federal. É nesse contexto que surge a experiência poética dos *Modernos Poetas do Amapá* – publicação lançada em 1960, mas que retrata a experiência de cinco escritores alóctones (quatro paraenses e um fluminense) que vivenciaram as transformações da cidade de Macapá nos anos de 1950, onde se insere a criação da própria Academia Amapaense de Letras.

Assim, a Academia Amapaense de Letras faz parte das aspirações janaristas de demonstrar a capacidade de resiliência da sociedade amapaense – agora organizada em torno de uma rede de transmissão de bens culturais com diversas linguagens, dentre as quais a literária – e de sobretudo indicar uma ideia de progresso nacional que necessariamente deveria passar pelo Amapá modernizado. Basta olhar para o novo desenho da cidade de Macapá cujos sentidos urbanísticos deveriam repousar sob a égide da modernidade, após o final da Segunda Guerra Mundial e um novo arranjo das forças ideológicas que separariam Estados Unidos e União Soviética em dois polos opostos.

Se, por um lado, a modernização da cidade indicaria a vitória da cultura sobre a natureza, por outro lado, seria necessário organizar as populações localizadas fora do espaço urbano em torno de um discurso unitário de progresso e felicidade geral. Assim, o controle do espaço seria tão desafiador que o controle dessas populações que precisariam ser convencidas em se fixarem nas bordas da cidade em nome do trabalho, principalmente no ramo da construção civil. Tal movimento, necessário para arregimentar trabalhadores e trabalhadoras para abrirem estradas e erguerem prédios públicos, pode ser explicada pela própria história patrimonialista e paternalista do Amapá em boa parte do século XX, o que reverbera, de alguma maneira, na economia local (vista também como trocas simbólicas) ainda baseada no funcionalismo público.

Importa dizer que, na perspectiva governamental, um lugar sem uma Academia de Letras é menos valorizado que um espaço onde haja essa convivência letrada e essa produção constante de bens culturais,

que justamente deveria ser proporcionada pela Academia Amapaense de Letras. Seu lema latino (“*habent sua fata libelli*” ou em uma tradução livre para o Português “os livros possuem o seu destino”) é tomado de um verso do escritor romano Terenciano Mauro, gramático e teórico da métrica latina. Entretanto, o verso completo vale a pena reproduzir aqui para termos a noção da responsabilidade de uma Academia de Letras. “*Pro captu lectoris habent sua fata libelli*” significa dizer que os livros têm seu próprio destino de acordo com aquilo que cada leitor capta da experiência de leitura. Em outras palavras, o livro em si (ou a obra literária, mais especificamente) só existe realmente quando ele provoca o interesse de seus/suas leitores/as. E essa é uma das tarefas de uma Academia de Letras: promover o interesse pelo livro e pela leitura, mostrando a importância dessa atividade cultural numa sociedade organizada.

A Academia Amapaense de Letras é uma das consequências da política de atração que o governo territorial adotou para primeiramente formar as fileiras do funcionalismo público e, em decorrência disso, criar condições de produção, circulação e consumo das Letras no Território Federal do Amapá. Assim que a referida Academia, sendo estimulada pelo próprio Janary Nunes – que produz em seu discurso de inauguração o desejo de a Academia ser a razão captadora da criação das artes literárias no Amapá, ajudando o moldar a sociedade futura, sempre tendo em vista a modernidade em voga na segunda metade do século XX – contou em sua formação inicial com 12 membros fundadores (efetivos) e cinco membros honorários. Alguns desses membros ecoam até hoje na memória de uma experiência coletiva no uso dos espaços públicos, como alguns logradouros e unidades escolares, tais como Coaracy Nunes, Hildemar Maia, Cora de Carvalho, Acylino de Leão, Gabriel de Almeida Café, Jovino Dinoá, Mendonça Furtado, Mendonça Júnior, Alexandre Vaz Tavares, Walkíria Lima e tantos outros nomes marcantes na memória do/a amapaense.

Por motivos diversos, a Academia Amapaense de Letras - que ainda não possui uma sede própria, em que pesem alguns acenos de certos grupos políticos em prol dessa demanda histórica - precisou interromper suas atividades, incluindo um hiato de mais de três décadas

inativas ainda durante o período territorial, de modo que atualmente, após a retomada das atividades presenciais pós-pandemia de Covid-19, a Academia Amapaense de Letras ressurgiu tentando trazer para si as responsabilidades que lhe cabiam desde sua fundação em 1953, que é democratizar suas ações, a produção literária de seus membros, mas não só, além de promover o gosto pela leitura e produção de textos literários por todo o estado do Amapá. Que assim seja!

Dr. Yurgel Pantoja Caldas.
Coordenador do Mestrado em Letras da Universidade Federal do Amapá.

INTRODUÇÃO

Esta obra é o primeiro registro dos discursos elaborados por confrades e congreiras no ano de 2023, quando o Estado do Amapá completa suas oito décadas de existência e a Academia Amapaense de Letras (AAL), suas sete.

Na capa desta obra, como também no início das seções *Discursos históricos* e *Discursos contemporâneos*, são registros do dia de Solstício, em 21 de junho, data de aniversário desta Academia. Criado em 1953, este Silogeu visa implementar o desenvolvimento literário, cultural, científico e artístico no Amapá.

Com suas sete décadas de existência, seus membros patronímicos vêm exercendo e consolidando este objetivo muitas vezes com iniciativas particulares, por conta de suas atividades profissionais na área da educação.

Com mais de 300 livros publicados pelos seus integrantes; cerca de 2000 poesias expostas em coletâneas e antologias; outras centenas de contos, romances e textos científicos publicados, os confrades e congreiras da AAL possuem uma grande participação na construção cultural e, também, em textos científicos amapaenses.

Em outubro de 2022, pela primeira vez, este Silogeu teve completa a ocupação de suas 40 cadeiras. E nas sete décadas de existência, o confrade Saulo Ribeiro Torquato (Cadeira 22, Patrono: Lúcio Mariolino Soheiro), e dialogando com os discursos ao elaborar a sua ode sobre o assunto identifica, a partir dos sócios patronos, quatro ondas de atuação desta Academia: A primeira (1953-1988), com 17 cadeiras ocupadas entre pioneiros e honorários, desde a sua criação e o seu resgate, conforme pode ser percebido nos discursos de Janary Gentil Nunes e Georgenor de Souza Franco Filho expostos neste livro; a segunda, a de resgate (1988-2017), com 22 cadeiras ocupadas; a terceira (2017-2022), em uma periodização mais curta, com 12 cadeiras ocupadas e; a quarta, pós-2022, com 19 novos confrades e congreiras.

Assim, aquelas cadeiras remanescentes, ora porque não haviam sido ocupadas, ora porque foram desocupadas por óbito, foram completas. E assim permaneceram até 2023, quando dois de seus ocupantes, Nilson Montoril e Otton Miranda de Alencar, faleceram.

O ano de 2023 para a AAL foi de muitas atividades e de perdas. Dentre as atividades, três se destacam: a celebração dos 70 anos do Silogeu; a participação do II Festival Literário de Macapá (Flimac) e; a Folia Literária Internacional do Amapá. Quanto às perdas, registra-se as passagens de nosso ex-presidente Nilson Montoril e do confrade Otton Miranda de Alencar.

Esta obra é composta por duas partes: a primeira por 3 **Discursos históricos**: a de inauguração (1953); a de resgate (1988) e; a de recuperação (2023). Apresenta-se o discurso de inauguração da AAL elaborado pelo então Governador do Território Federal do Amapá, Janary Gentil Nunes (Patrono e fundador da cadeira 15 da AAL). Este discurso foi lido por seu filho, Rudá Carvão Nunes, na solenidade dos 70 anos deste Silogeu; o segundo, pelo Acadêmico Georgenor de Souza Franco Filho (Cadeira, 12; Patrono: Georgenor de Sousa Franco), na solenidade de reinstalação deste Silogeu e; os dois discursos do presidente da AAL, Fernando Canto, de abertura e encerramento do evento dos 70 anos da AAL.

A segunda, por **Discursos contemporâneos**, iniciando pelo confrade Nilson Montoril, em uma homenagem póstuma, fundador da cadeira 10 desta Academia e que exerceu a presidência deste Silogeu por aproximadamente 3 décadas, sendo ele o grande organizador da AAL, até a sua substituição. Sob a sua administração, foram completas as ocupações das 40 cadeiras acadêmicas, pela primeira vez em 70 anos.

Em seguida, o Presidente da AAL, Fernando Canto, expõe suas reflexões em dois eventos culturais amapaenses: o 2º Festival Literário de Macapá (Flimac) e a Folia Literária do Amapá.

Posteriormente, o Acadêmico Jadson Porto expõe de alguns repensares sobre o Amapá.

O terceiro, João Wilson Savino de Carvalho apresenta a importância da Academia de Letras na sociedade.

O quarto, o Acadêmico José Alberto Tostes traz à reflexão sobre a atuação da AAL para reduzir as assimetrias com relação aos níveis de acesso à leitura no estado do Amapá;

Por fim, apresenta-se o primeiro levantamento das obras publicadas em formato de livro, sejam eles em formato físico, seja em e-book.

Macapá, 10 de novembro de 2023

Fernando Canto

Cadeira 04; Patrono: Coaracy Gentil Nunes

Presidente AAL

Jadson Porto

Cadeira 17; Patrono Joaquim Caetano da Silva

Diretor de Biblioteca e Arquivo (DBA/AAL)

SUMÁRIO

PREFÁCIO

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

DISCURSOS HISTÓRICOS

Capítulo 01.....24
INAUGURAÇÃO DA ACADEMIA AMAPAENSE DE
LETRAS
Janary Gentil Nunes

Capítulo 02.....27
RECRIAÇÃO DA ACADEMIA DO AMAPÁ
Georgenor de Sousa Franco Filho

Capítulo 03.....31
ABERTURA DOS EVENTOS DOS 70 ANOS DA
ACADEMIA AMAPAENSE DE LETRAS
Fernando Canto

Capítulo 04.....36
ENCERRAMENTO DOS EVENTOS DOS 70 ANOS DA
ACADEMIA AMAPAENSE DE LETRAS
Fernando Canto

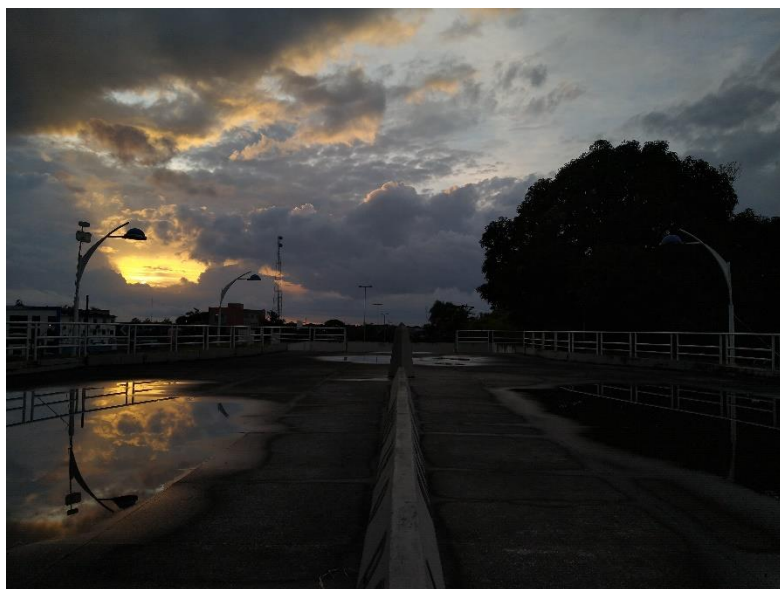
DISCURSOS CONTEMPORÂNEOS

Capítulo 05.....41
RESGATE HISTÓRICO DA ACADEMIA AMAPAENSE
DE LETRAS
Nilson Montoril

Capítulo 06.....46
A LITERATURA AMAZÔNICA HOJE
Fernando Canto -

| | |
|--|----|
| Capítulo 07..... | 56 |
| POETAS MODERNOS DO AMAPÁ | |
| <i>Fernando Canto</i> | |
| Capítulo 08..... | 69 |
| REPENSARES SOBRE O AMAPÁ: ENSAIOS DE | |
| APRENDIZADOS DE USOS DE SEU TERRITÓRIO | |
| <i>Jadson Porto</i> | |
| Capítulo 09..... | 77 |
| O PAPEL DA ACADEMIA DE LETRAS EM UMA | |
| SOCIEDADE | |
| <i>João Wilson Savino Carvalho</i> | |
| Capítulo 10..... | 80 |
| A ACADEMIA AMAPAENSE DE LETRAS: O ESTÍMULO | |
| ÀS VIAGENS LITERÁRIAS | |
| <i>José Alberto Tostes</i> | |
| Capítulo 11..... | 86 |
| PRODUÇÃO DA ACADEMIA AMAPAENSE DE LETRAS | |
| <i>Jadson Porto</i> | |

DISCURSOS HISTÓRICOS



Solstício de junho, Marco Zero, Macapá, Brasil.
Foto: Jadson Porto.

INAUGURAÇÃO DA ACADEMIA AMAPAENSE DE LETRAS

Janary Gentil Nunes

Cadeira, 15; Patrono e sócio fundador.
Macapá, 06 de julho de 1953

Senhor presidente, senhores membros, excelentíssimas senhoras, senhores.

O Amapá é uma ideia em marcha para o porvir, é um sonho que se realiza a cada instante. Debruçado entre o Oiapoque e o Jari, no maciço guiano, cuja idade é a da formação da terra, contempla na direção do nascente a imensidão do oceano e ao sul do gigantesco Amazonas, que liga os Andes ao mar vislumbrando seu destino universal. A história de incorporação de seu solo à Pátria é o mais inteligente e o mais perseverante capítulo do livro de ouro escrito pela diplomacia brasileira na fixação das nossas fronteiras.

O Amapá merece assim uma academia, cujos membros sejam os garimpeiros de suas pedras preciosas ainda por descobrir, nesse cascalho rico que é o seu passado, nossa mina que é sua natureza. Surpreende-nos, entretanto, senhores acadêmicos a honra demasiada que nos concedem, escolhendo-nos membros honorários de vossa sociedade. Não encontramos frases apropriadas para exprimir nossa gratidão a esse gesto que nos cativa eternamente.

Desejamos que a Academia Amapaense de Letras, constituída de homens de cultura, acompanhe, participe e oriente a caminhada que o vosso povo vai trilhar. Os acadêmicos têm

sido alvo de críticas nem sempre justas e serenas. Acusam-nos de esterilidade, de limitação à rebeldia criadora, de cenáculo vaidoso onde se esfria a chama sagrada da beleza.

Mas tantas já foram as graças de Deus derramadas sobre esta terra, que as nossas esperanças se animam e dão-nos a certeza de que a Academia Amapaense de Letras formará um ambiente propício aos altos Remígios do Espírito. O Amapá é um convite irresistível aos que possuem sensibilidade e aptidão para traduzir em palavras o que sentem.

Antes da criação do Território, Aurélio Buarque escreveu interessante ensaio intitulado: **Amapá**. Elfredo Távora Gonsalves levou-nos ao **Verdadeiro Eldorado**, Mário da Veiga Cabral, nas edições da sua **Corografia Brasileira**, divulgou episódios da formação da fronteira setentrional. Arthur Vianna apresentou a **Histórias das Fortificações Construídas pelos Portugueses**. Palma Muniz, através dos **Anais da Biblioteca e Arquivo Público do Pará**, deu-nos a **História dos Municípios de Macapá, Mazagão e Montenegro**. Jorge Hurley mostrou **A Participação de Macapá e Mazagão na Cabanagem**. Emílio Goeldi situou as **Cerâmicas do Cunani e do Maracá**. O General Rondon imprimiu **Rodovia Macapá/Clevelândia**. Alexandre Vaz Tavares e Acelino de Leão cantaram as belezas de seu torrão natal. Pedro de Moura e Josalfredo Borges divulgaram **Elementos Básicos de Nossa Geologia**. Dois cientistas franceses publicaram volumosos **Ensaio Sobre a Guiana Brasileira**. Henry Coudreau com **La France Equinoxiale** e Brousseau com **Les Richesses de La Guyane Française**.

Macapá teve um jornal impresso (século XIX): PINSONIA. Eis a obra em resumo de algumas famosas personalidades ou que passaram por aqui deixando sua marca intelectual.

Aguardam divulgação os estudos de Álvaro da Cunha, Alceu Magnani e Lúcio de Castro Soares. Ainda não foram

descritas como merecem, no seu heroísmo anônimo a existência do balateiro, esses caboclos indômitos que munidos de um pouco de sal, jabá e farinha, embrenham-se na mata, somem e desaparecem na floresta para voltarem meses após, maltrapilhos e doentes. Eis senhores acadêmicos alguns temas que pedem livros e mais livros. A cultura de um povo só se conquista acumulando experiências, somando conhecimentos e multiplicando pesquisas.

Pioneiros da segunda metade do século XX, lutemos para fazer do Amapá, desta terra generosa e deste povo amigo, um conjunto amigo e feliz, onde não falte a crença que constrói nem beleza e nem amor.

RECRIAÇÃO DA ACADEMIA DO AMAPÁ¹

Georgenor de Sousa Franco Filho
Cadeira, 12; Patrono: Georgenor de Sousa Franco.
Macapá, 12 de setembro de 1988.

Senhor Governador,
Senhores Acadêmicos
Senhoras e Senhores,

É necessário começar pelo princípio, assim como quando Deus criou o homem a Sua imagem e semelhança (Gn., 1: 27). Sejam, portanto essas palavras exordiais para dizer que a semente lançada em junho de 1953, levou mais sete lustros para encontrar terreno fértil germinar e frutificar como na parábola do semeador (Lc., 8: 5-8). Cresceu e hoje, quando o Amapá se despede de sua condição de Território Federal, e amanhece em alvorada de Estado da União, renasce a Academia Amapaense de Letras.

Promovido Juiz Presidente de Conciliação e Julgamento do Amapá, no final de 1985, desembarquei nesta São José nos primórdios de 1986. Chegando, procurei o “homem do cais”, o poeta Alcy Araújo, e lhe relatei a preocupação de não ter encontrado mais a Academia de Letras do Amapá.

Passaram-se meses. Troquei ideias com Nilson Montoril, Antônio Cabral, Antônio Munhoz e Pe. Jorge Basile. Agora,

¹ Discurso proferido na solenidade de reinstalação da Academia Amapaense de Letras, no auditório do Palácio do Setentrião, Macapá, Amapá.

quando se comemora os 45 anos de criação do Território do Amapá, nesse derradeiro festejo como tal, o Governador Jorge Nova da Costa, sempre inspirado e inspirando movimento das coisas do espírito, aceitou o desafio e apoiou, como verdadeiro estadista, a iniciativa de reativar o Silogeu Amapaense.

Acolheu o Governador Nova da Costa a minha sugestão. E, creio, entendeu-me melhor porque meu pai foi sócio correspondente da primitiva Academia, e aqui esteve com outros intelectuais do vizinho Pará nos idos dos anos 50, na solenidade de sua instalação. E foi aqui que deixou gravado, em versos, as belezas que encontrou *Na Latitude Zero da Esperança* (Georgenor Franco. *Poemas dentro da noite*. Belém, H. Barros, 1957. p. 46/48).

Dizia, então, papai ao descrever esta terra, como se fora hoje, aos que o pisam neste chão predestinado:

Escuta o canto dos pássaros à aurora
Ajoelha tua alma em oração a Deus
Contempla este crepúsculo de ouro
Emociona-te com este lugar de beijo em prece.

E caminhando pelo Amapá de três décadas passadas,
convidava a todos para que sentissem que

Sob o Sol do Equador,
Tudo é afirmação para a grandeza.

Imbuído dessa visão metafísica é que encontrei razões justificadoras, neste momento de importância maior para a história do Amapá, que se deixasse *este chão sem recalques e mistérios*, sem a su Academia de Letras, como as que existem em tantos lugares a imitar a Francesa, ou a Brasileira, ou a Paraense, da qual sou membro, ou a buscar o exemplo distante de Platão nos Jardins da Grécia milenar.

Tanto assim que Nilson Montoril, devotado em tudo que faz, e inspirado por seu pai, o grande pesquisador das coisas do Amapá, Mestre Francisco Torquato de Araújo, encontrou um dos fundadores desta Academia, que continua aqui no Amapá para a nossa alegria, e participa agora, de reorganização da entidade, o Prof. Heitor de Azevedo Picanço, testemunha viva deste passado histórico.

Os reorganizadores desta Academia, e os que virão depois, são os *imortais* do Amapá. Imortalidade aqui não tem o sentido de eternização da matéria, mas de permanente repassar de suas vidas e atividades, a legar aos pósteros suas lições, seu saber, seu vivenciar. Imortais, porque, sempre e sempre, serão lembrados como participantes ativos da vida intelectual desta terra, *onde começa o Brasil*. Imortais porque contribuem, e contribuirão, par ao permanente desenvolvimento das atividades do espírito. Imortais, porque, no que simbolizam o que há de mais expressivo na cultura amapaense, jamais deverão ser olvidados por seus conterrâneos e por aqueles que por aqui passaram. Ao preencher cadeira nesta Academia, o novo Acadêmico reavivará memória dos seus antecessores e de seu patrono, e, com isso, fará história e manterá viva acesa a lembrança das obras dos que passaram. Este o verdadeiro sentido da imortalidade acadêmica.

E eu. Eu ouvi papai nessas conversas que se tem com o éter, e transmitti à comunidade intelectual do Amapá minha intenção, única e exclusiva de ajudar a recriar, o fazer renascer uma instituição que se dedicasse apenas à cultura, às letras, às ciências, às artes, às coisas do espírito. Vejo que não clamei no deserto nossa tarefa como que catequética.

Eu, como aqueles a quem pedi apoio, escutamos todos os versos de meu pai, a concluir a descrição do Amapá d'alhures:

Sente bem essas coisas
olha tudo que aqui está – trabalho e amor ao bem –
e compreenderás que o Brasil é a terra de fartura
porque o Amapá é a eterna fonte de Esperança e Riqueza.

Nossa fonte inspirou-nos a todos que estamos a fazer
renascer esta instituição.

Permitam-me, então, Senhor Governador e Senhores Acadêmicos, que, como o mais humilde de todos os membros desta Academia, como apenas o instrumento usado por Deus para esse processo de recriação, que, oficialmente, declare reinstalada, neste momento, nesta noite equatorial, e neste Palácio do Setentrião, a Academia Amapaense de Letras. Deus lhe dê vida longa e muitos frutos.

ABERTURA DOS EVENTOS DOS 70 ANOS DA ACADEMIA AMAPAENSE DE LETRAS

Fernando Canto

Cadeira, 04; Patrono: Coaracy Gentil Nunes.
Macapá, 21 de junho de 2023.

Senhoras e senhores, confradeiras e confrades das Academias presentes, amigos e convidados, bom dia.

GOSTARIA de iniciar dizendo o quanto eu sou grato a Deus de me ter permitido chegar até aqui, para junto com meus confrades reerguer a nossa Academia, para torná-la referência da cultural do Amapá no que tange às letras, à ciência e à cultura de modo geral. Minhas palavras são de pura gratidão, em nome de todos os membros deste Silogeu, porque reconhecemos nas pessoas o esforço de tantos intelectuais que nela atuaram ao longo de seus 70 anos e o interesse de alguns poucos políticos que se preocuparam em dar ao Estado do Amapá o caráter educacional e cultural que ele merece. Ressalto que para isso ocorrer foi preciso muita sensibilidade e amor às nossas coisas. Enfoco ainda que a instituição passou por processos diferenciados ao longo de sua existência, com interregnos prejudiciais a ela, para que tivesse um patrimônio físico que pudesse abrigar o acervo de sua história e a de seus insignes membros, muitos dos já quais já faleceram. Contudo, eles nos deixaram a marca do seu pioneirismo na construção do antigo Território Federal e na fundação de uma literatura que hoje colhe frutos e se dissemina continuamente, a partir do crescimento da educação e do enriquecimento da cultura local

com o fortalecimento ineludível de sua identidade. Por isso não abandonamos a luta: a prioridade da Academia hoje é a aquisição de uma sede para que possamos atuar com projetos e realizações de cunho literário e cultural para o Amapá e para os amapaenses, sobretudo para a juventude estudantil.

É conveniente esclarecermos aqui o que muitos de nós ouvimos falar sobre as academias: que elas são retrógradas e que seus membros se reúnem em um ambiente de “velhos” que se autodenominam “imortais” ou uma corja de vaidosos que bebem chá da tarde e se eximem dos problemas socioculturais no alto de suas jactâncias disfarçadas de sapiência. Mal sabem os maldosos que a Academia foi uma Escola criada há quase quatro séculos antes de Cristo, por Platão, situada nos jardins consagrados ao herói ateniense Academo, que embora destinada ao culto das musas, promovia uma intensa atividade filosófica. Hoje a sua acepção é de uma sociedade ou agremiação, particular ou oficial, com caráter científico, literário ou artístico. Assim como a nossa.

Mas convém voltar ao que somos, pois fomos a base do discurso fundador do Território do Amapá. E seus membros responsáveis pela formação intelectual e administrativa daquela então unidade federada. Em seu discurso de inauguração da Academia o governador Janary Nunes dizia que “O Amapá é uma ideia em marcha para o porvir, é um sonho que se realiza a cada instante. Debruçado entre o Oiapoque e o Jari, no maciço guiano, cuja idade é a da formação da terra, contempla na direção da nascente a imensidão do oceano e ao sul do gigantesco Amazonas, que liga os Andes ao mar vislumbrando seu destino universal”. Janary justificou, em seguida, no mesmo discurso, que “O Amapá merece assim uma Academia, cujos membros sejam os garimpeiros de suas pedras preciosas ainda por descobrir, nesse cascalho rico que é o seu passado, nossa mina que é sua natureza”.

Meus queridos amigos, ao mesmo tempo em que comemoramos tão feliz acontecimento, este sodalício reitera o apoio das instituições sociais, políticas e culturais para que nos auxiliem na realização de nossos objetivos. Cremos que por sermos a única entidade congênere estadual a não possuir sede própria, não poderemos realizar com eficiência projetos e nem escavar memórias que são o ponto de apoio da nossa identidade. Nossos projetos correm o perigo de se diluírem nas águas turvas do desprezo, da desatenção e da insensibilidade política, se não tivermos um lugar próprio para nos abrigar. Precisamos desse apoio para garantir, enquanto entidade conexas e auxiliar da educação e da cultura, a divulgação da história da nossa terra e de seus homens e mulheres que deram a vida por ela nos mais distintos cenários e ocasiões. Muitos foram pais, avós ou parentes de vocês que agora me ouvem, e eles merecem o reconhecimento e todas as honras por terem trabalhado em prol deste grande Estado da Federação.

O que eram manifestações literárias no passado hoje é literatura propriamente dita, pois foram fundamentais para a construção do ideário e da ideologia amapaense, bem antes da Mística do Amapá, e graças ao pensamento dessa plêiade de poetas e literatos.

Cada literatura é peculiar e tem problemas específicos pois, como diria Antônio Cândido, a literatura se manifesta historicamente e assim se torna aspecto orgânico da civilização. Deste modo, posso afirmar, junto com Cândido, que a produção literária, o leitor-receptor e a linguagem em seus diversos estilos não sobreviverão na relação da comunicação inter-humana enquanto sistema simbólico, pois são um conjunto de códigos e um poder de construção da realidade. Nele moram os desejos mais profundos dos indivíduos, transformados em elementos de contato entre as pessoas e de suas interpretações nas diversas esferas de realidade que se apresentam.

Eu não poderia aqui, perdoem-me o paradoxo, esquecer a memória, a nossa memória tangível.

Considerando que a memória é o deciframento do que somos à luz do que não somos mais, segundo Pierre Nora, atribui-se a ela a função de fixar os sentidos e as identidades, o que permite a sociedade traçar suas origens, garantir e reconhecer suas permanências independentemente do tempo. Assim, dar ressignificação ao presente com os olhos de quem vivenciou o passado, lembrando através dos depoimentos e criações literárias dos escritores e poetas do Amapá, é procurar um passado comum, construído por elementos individuais e por registros coletivos que podem evitar o esvaecimento da memória; é produzir referências de algum traço de identidade perdida no movimento acelerado da urbanização de Macapá e de outras cidades. Quando assim se procede é possível que a memória favoreça as articulações entre as relações individuais e coletivas.

Deste modo, a Academia não se furtará a tratar da linguagem e dos avanços tecnológicos, da degradação do meio ambiente e de outros temas atuais que tanto afligem a sociedade brasileira e internacional, como o genocídio dos indígenas, o racismo, as guerras e consequentes diásporas e seus refugiados, além da descolonização e dos governos que obstaculizam os avanços democráticos, transformando pobres em miseráveis em nome de classes privilegiadas. Entendemos que uma instituição como a nossa é *locus* e *fórum* de debates sobre tais assuntos, posto suas importâncias contemporâneas.

E para ser prático em minha fala, devo aqui anunciar que no bojo do processo de reconstrução da AAL, liderado pelo iminente e saudoso acadêmico e presidente honorário professor Nilson Montoril de Araújo, até em junho de 2024 realizaremos três concursos literários, cujos patronos foram idealizadores e membros da Academia, e que se vivos fossem fariam um século de existência. As categorias serão de conto, poesia e crônica para estudantes e sociedade em geral, e que levarão os nomes

dos acadêmicos Arthur Nery Marinho, Álvaro da Cunha e Alcy Araújo, sendo este um dos nossos projetos.

Para concluir, agradeço profundamente às pessoas e instituições (como os sites e emissoras de Rádio e TV, GEA/SECULT, à ALAP e ao SENAC) que contribuíram para este evento, à Comissão Organizadora e a de Comunicação da AAL, e os convido para prestigiar a nossa programação a ser realizada aqui no Senac, nos dias 20 e 21 de junho, data de fundação da querida Academia.

Muito Obrigado e Viva a Academia Amapaense de Letras.

ENCERRAMENTO DOS EVENTOS DOS 70 ANOS DA ACADEMIA AMAPAENSE DE LETRAS

Fernando Canto

Cadeira, 04; Patrono: Coaracy Gentil Nunes
Macapá, 23 de junho de 2023.

Confrades e Confreiras. Senhoras e senhores, boa noite.

Esta é uma data histórica para nós da Academia Amapaense de Letras e para a sociedade Amapaense.

Quando falamos em **data**, pensamos sempre em comemoração de algo ou feito bom, ou ainda sobre o marco de uma tragédia que ficou na memória da sociedade. Mas esta palavra vem do latim, do verbo *dare* e tem o significado de dado, algo que é dado. Por isso mesmo os escritores, os literatos doam a seus contemporâneos e a seus pósteros o que produziram e o que pensaram transcritos num papel ou algo semelhante. Esta seria então uma das funções do escriba, do narrador consciente dos acontecimentos significantes, já que todos possuem uma história para contar ao longo de sua vida, sendo protagonistas ou não.

Hoje, meus ilustres amigos, comemoramos a fundação da nossa Academia. É um acontecimento importante porque também lembramos do nascimento de um dos maiores escritores brasileiros, e não por acaso fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, o carioca Joaquim Maria Machado de Assis, que certamente todos aqui já leram alguns dos seus textos.

O aniversário de 70 anos da AAL nos lembra a coragem daqueles que ousaram penetrar nesse mundo tão difícil, não pela

busca do reconhecimento, mas pela responsabilidade com seu próprio eu-lírico que por muitas vezes ficou latente e de repente explodiu pela vontade de dizer ao mundo que interpretou o desconhecido, que criou e matou personagens na sua ficção, ainda que todos os temas, fantásticos ou não, já estivessem rondando sua mente criativa devido ao convívio social do autor pelas leituras e sentidos abertos para o mundo.

Há quem ache que escrever é um mistério, que poetizar é um tipo de magia que torna o escritor um ser diferenciado.

Talvez sim, talvez não, pois cada um demonstra sua própria verdade no que cria ou faz. Essa é a sua responsabilidade.

Meus queridos amigos, antes de toda a seriedade o escritor é uma criança que ousa brincar com palavras. É o intérprete dos que não enxergaram o que ele viu, pois sonha, imagina, transcende e constrói aspectos da vida real e se anuncia na escritura como um anjo e sua espada de fogo ou, como um demônio à procura de almas desgarradas.

Um escritor é o que restaura a memória da humanidade, pois sempre é fundador de sentimentos que se esvaziaram no espaço e se deturpam no tempo. Ele executa e organiza pela escrita o caos deixado pelo passado e a antevisão do futuro tão recorrente nele. O escritor também processa em seu íntimo a predisposição visionária dos acontecimentos e não tenta ser simplesmente fiel a si mesmo. Reitero aqui o que disse, pois ele é um aglutinador de recordações da sociedade, antes de ser um solitário construtor de textos com sentidos organizados ou um deus criador de vidas e da morte em seus escaninhos mentais.

Devo lembrar então que o escritor se vale do lembrado e do esquecido, elementos esses que compõem uma experiência, que é ao mesmo tempo individual e coletiva, e que a memória das pessoas é uma fonte inesgotável de informações, pois está plena de significados e sempre povoada de nomes e significações,

posto que cada olhar sobre algo sempre revela coisas e remete a contextos diferentes e até emocionais. Daí dizer que ele se torna um etnólogo e escavador das coisas do mundo.

Nesse bojo entram as organizações acadêmicas, as que procuram reunir psicologicamente as tendências individuais e coletivas de um povo com sua criatividade e seu sentido universal que honram e dignificam a raça humana pela cultura e pela arte. Assim, todos nós temos nossas preocupações sociológicas devido a sua correlação com a literatura, ainda que busquemos condicionamentos estéticos ou outros caminhos que não sejam o dessa correlação. Muito do que o escritor escreve está ancorado nela, nessa correlação, com todas as alegrias e mazelas que inevitavelmente envolve nossos olhos e provoca a iracúndia aos governantes. Por isso o literato carrega um tipo de poder que irradia, penetra e incomoda seus contentores e êmulos. E ao longo de sua permanência no planeta e até mesmo depois suas narrativas continuam por vezes incomodando e servindo de referência para tantas situações.

Mas hoje é dia de festa. É dia de comemorações. Uma comemoração tem sua própria liturgia e a nossa nem bem começou.

Eu poderia iniciar pelos agradecimentos a todos que nos ajudaram para a realização deste conagraçamento, sejam pessoas ou instituições. Porém, deixei por último, pois serão sempre os primeiros que queremos e teremos como parceiros daqui para a frente.

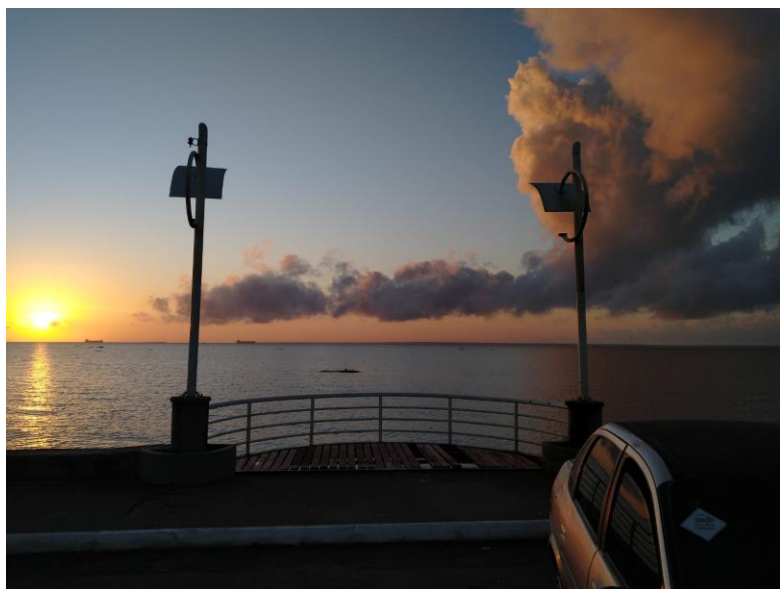
Agradecemos ao Governo do Estado do Amapá, por meio da sua Secretaria de Cultura, à Assembleia Legislativa, ao SENAC e a Casa Francesa pelo apoio cultural imprescindível para a realização deste evento.

Todo esse processo é uma tecitura artesanal que queremos solidificar pelo pensamento e pela escrita, afinal há muito a desvendar, há muito a encantar pela escrita e muito a amar pelo brilho do olho do leitor, aquele ser ávido pelo

conhecimento e por conteúdos que a magia da literatura traz para todos, de todas as idades.

MUITO OBRIGADO!

DISCURSOS CONTEMPORÂNEOS



Solstício de junho, beira do rio Amazonas, Macapá, Brasil.
Foto: Jadson Porto.

RESGATE HISTÓRICO DA ACADEMIA AMAPAENSE DE LETRAS²

Nilson Montoril

Cadeira,10; Patrono: Francisco Torquato de Araújo.

Na solenidade de posse dos membros da Academia Amapaense de Letras, ocorrida no Salão Nobre do Palácio do Setentrião, em agosto de 1988, o Governador Jorge Nova da Costa faz uso da palavra para enaltecer a bela iniciativa e desejar sucesso ao Silogeu. À sua direita vemos o Juiz do Trabalho, Dr. Goergenor Franco Filho. À esquerda, vislumbramos o Professor e Adm. Nilson Montoril de Araújo, Presidente da novel instituição.

Estimulados por membros da Academia Paraense de Letras, notáveis servidores públicos do Território Federal do Amapá decidiram fundar um Silogeu com as mesmas finalidades da congênere parauara, na cidade de Macapá. Isso ocorreu no dia 21/6/1953, comemorando a passagem do aniversário do escritor Machado de Assis. Surgia dessa forma, a Academia Amapaense de Letras, uma entidade civil, sem fins lucrativos, que tem por finalidade implementar o desenvolvimento literário, cultural, científico e artístico do Brasil, conforme o estabelecido em suas normas internas.

Decorrente de sua própria natureza, a Academia Amapaense de Letras funcionará por prazo indeterminado. Com sede e foro na cidade de Macapá, a AAL tem três

² Texto originalmente publicado em 15 de junho de 2015, no site <https://montorilaraujo.blogspot.com/>.

categorias de sócios: titulares, correspondentes e honorários. Apenas o sócio titular goza do direito de votar e ser votado. A admissão de sócio titular, de caráter efetivo e perpétuo, dar-se-á por eleição, em escrutínio secreto, entre candidatos de qualquer sexo, inscritos previamente para preenchimento de vagas abertas com o falecimento de ocupantes anteriores, de uma das cadeiras indicadas no parágrafo 2º do Art. 4, ou que tenha mudado de categoria, ou abdicado de ser acadêmico, que tenha trabalhos publicados ou não, de reconhecido valor literário, cultural, científico, artístico ou histórico.

Cada cadeira terá um patrono reconhecido como vulto ligado a história e cultura do Amapá. A solenidade de fundação do Silogeu amapaense aconteceu na sala de estudos da Biblioteca “Clemente Mariani”, do Grêmio Literário e Cívico Rui Barbosa, entidade constituída por estudantes do então Ginásio Amapaense, instalada no Grupo Solenidade comemorativa dos 39 anos de criação da Academia Amapaense de Letras realizada na sala Professor Mário Quirino da Silva, local das sessões plenária do Conselho Territorial de Educação.

O Professor e Adm. Nilson Montoril de Araújo faz um retrospecto histórico sobre o Silogeu. À sua esquerda vemos os acadêmicos Heitor de Azevedo Picanço (fundador), Elfredo Távora Gonsalves, Amaury Guimarães Farias e Estácio Vidal Picanço.

Os sócios fundadores foram: Benedito Alves Cardoso (Presidente), Gabriel de Almeida Café (Secretário), João Elias de Nazaré Cardoso, Nelson Geraldo Sofiatti, Heitor de Azevedo Picanço (Bibliotecário), Amilcar da Silva Pereira (Tesoureiro), Uriel Sales de Araújo, Célio Rodrigues Cal, Oton Accioli Ramos, Mário de Medeiros Barbosa, Lício Mariolino Solheiro e Jarbas Amorim Cavalcante. Cinco sócios honorários foram distinguidos: Diniz Henrique Botelho, Altino Pimenta, Deputado Coaracy Nunes, Dr. Hildemar Pimentel Maia e tenente coronel Janary Gentil Nunes, governador do Amapá. A instalação do colegiado e a posse de seus membros aconteceu

no dia 5 de julho. Os sócios fundadores exerciam o magistério do Ginásio Amapaense. Em pouco tempo a entidade deixou de atuar regularmente e nenhum trabalho de estruturação foi realizado. No início do ano de 1989, fui procurado pelo Dr. Georgenor Franco Filho, Juiz do Trabalho de Macapá e membro da Academia Paraense de Letras, que demonstrou interesse em soerguer o Silogeu e gostaria de contar com minha ajuda. Tinha tratado do assunto com o advogado Antônio Cabral de Castro, que lhe falou a meu respeito.

A partir do Amaury Farias enumeramos: Heitor de Azevedo Picanço, Antônio Carlos Farias, Paulo Fernando Batista Guerra, Hélio Guarany Pennafort, Nilson Montoril de Araújo, Padre Jorge Basile, Aracy Miranda de Mont'Alverne, Alfredo Távora Gonçalves, Manoel Bispo Correa e Estácio Vidal Picanço.

Eu exercia a Presidência do Conselho Territorial de Educação e pude dispor do plenário do órgão para a realização da reunião preparatória visando à organização da Academia Amapaense de Letras. No dia 31 de agosto, às 20h:30min, na Sala de Sessões Plenárias Mário Quirino da Silva, estiveram reunidos: Georgenor de Souza Franco Filho, Nilson Montoril de Araújo, Antônio Cabral de Castro, Dagoberto Damasceno Costa, Estácio Vidal Picanço, Fernando Pimentel Canto e Manuel Bispo Corrêa.

Analisamos um modelo de estatuto apresentado pelo Dr. Georgenor, relacionamos os patronos das cadeiras e decidimos que, inicialmente a Academia funcionaria com apenas 20 sócios titulares, salvaguardando-se o direito dos sócios fundadores. Dentre eles, somente Heitor de Azevedo Picanço residia em Macapá.

Posteriormente, outros valores literários foram incorporados ao grupo, que ficou constituído por 22 membros. Até o presente momento, 11 sócios faleceram: Alcy Araújo Cavalcante, Aracy Miranda de Mont'Alverne, Estácio Vidal Picanço, Hélio Guarany Pennafort, Alfredo Távora Gonçalves, Jorge Basile, Arthur Nery Marinho, Heitor de Azevedo Picanço,

Isnard Brandão Filho, José de Alencar Feijó Benevides e Amaury Guimarães Farias. Os sócios restantes são: Nilson Montoril de Araújo, Georgenor Franco Filho, Antônio Munhoz Lopes, Antônio Cabral de Castro, Antônio Carlos Farias, Paulo Fernando Batista Guerra, Don Luiz Soares Vieira, Dagoberto Damasceno Costa, Fernando Pimentel Canto, Manoel Bispo Correa e Luiz Alberto Guedes. Dia 12 de setembro, no Salão Nobre do Palácio do Setentrião, em sessão presidida pelo Governador Nova da Costa, 15 acadêmicos tomaram posse.

A despeito dos membros da Academia terem sido convocados com antecedência, apenas os sócios efetivos Antônio Munhoz Lopes e Luiz Soares Vieira (Bispo Diocesano de Macapá e vice-presidente da Academia) compareceram a minha residência, para recepcionarmos o Dr. Mauro, Presidente da Academia Brasileira de Letras.

A posse da primeira diretoria se deu no dia 17 de outubro: Presidente, Nilson Montoril de Araújo; Vice-Presidente, Dom Luiz Soares Vieira; Secretária, Aracy Miranda de Mont'Alverne; Tesoureiro, Antônio Carlos da Silva Farias; Diretor de Biblioteca, Dagoberto Damasceno Costa; Comissão de Contas: Antônio Cabral de Castro, Antônio Munhoz Lopes e Paulo Fernando Batista Guerra. Infelizmente, o euforismo inicial cedeu lugar a acomodação da maioria dos sócios. Isso gerou sérios problemas para o pleno funcionamento da instituição. Podendo deliberar com a presença de pelo menos 5 membros, o Silogeu raramente atingiu este número.

Na última sexta-feira, dia 22 de maio, apenas os acadêmicos Montoril, Guerra e Munhoz marcaram presença a uma reunião solicitada por um dos sócios, que não compareceu. Mesmo assim, apreciações importantes foram feitas e deverão ser discutidas com demais sete acadêmicos, se eles aparecerem ao próximo encontro.

A Academia Amapaense de Letras está em perfeitas condições para funcionar. Para fazê-lo plenamente, basta que os sócios restantes pensem seriamente na instituição e não nos seus interesses individuais.

A LITERATURA AMAZÔNICA HOJE³

Fernando Canto

Cadeira, 04; Patrono: Coaracy Gentil Nunes

Há 22 anos eu dizia, em palestra realizada em Caiena, que “a palavra de ordem do início deste século é a mesma dos outros inícios de século: mudança.

Experiências feitas por cientistas e colocadas em prática pela necessidade de lucro obrigam o mundo civilizado a tomar a decisão política de preservar a raça humana com sua complexidade de culturas, diferenças étnicas e sistemas diversos de vida em sociedade. Paralelamente, o crescente fenômeno da globalização também obrigou a tomada de consciência dos povos mais pobres do planeta para o fortalecimento das suas identidades.

Portanto, nós da Amazônia, também haveremos de enfrentar mudanças de nível qualitativo e quantitativo na nossa produção cultural e artística. Produção esta que, apesar de caminhar lenta e incipientemente, já dá sinais de busca, com a força que lhe resta, de um lugar melhor no contexto da literatura brasileira. Apesar dos pesares, avistam-se luzes, ventos e águas que, por certo, podem trazer novo vigor.

Para falar na contemporaneidade da literatura produzida pelos amapaenses, por exemplo, há necessidade de se pensar cabalmente na história da Amazônia em virtude de sua condição

³ Apresentado no II Festival Literário de Macapá (Flimac), em 18/10/2023.

de colonizada. Dado esse motivo, é natural voltarmos o pensamento para as origens, para as narrativas e descrições dos primeiros viajantes europeus que promoveram a divulgação dos mitos indígenas e através deles criaram uma aura mística sobre o rio, a floresta e o costume de seus habitantes. Tal situação também veio proporcionar a conquista, o genocídio, a exploração da mão-de-obra indígena e o conseqüente empobrecimento da população local nos 500 anos de relação com a Europa.

As inúmeras versões sobre a Amazônia deram-se inicialmente pelo crédito das narrações do jesuíta Cristóvão de Acuña, em seu *Novo Descobrimento do Grande Rio das Amazonas*, escrito em 1639 e publicado dois anos depois, após viagem realizada desde Quito, no Peru, até a foz do Rio Amazonas, no Pará. Acuña cita monstruosidades corporais dos autóctones há muito registradas em viagens da Antiguidade e da idade Média. Falava, por exemplo, que os Tupinambás viviam ao sul, entre duas nações: uma de anões que se chamavam *Guayazis* e outra de gente que tem os pés pra trás. Os Tupinambás confiaram ao padre Acuña a existência das Amazonas, terríveis guerreiras que emprestaram seu nome ao grande rio.

Na realidade nenhum viajante ou escriba não vinha à Amazônia sem antes ter lido relatos antigos de outros viajantes. Eram claramente influenciados pelo imaginário neles impregnando em séculos de tensão, e essas monstruosidades se faziam presentes nos próximos textos, contribuindo para que a natureza selvática e genesiaca à disposição dos homens locais fosse algo fantasioso e difícil de dominar. Seus hábitos, diametralmente opostos aos dos europeus, traziam medo e curiosidade.

O homem amazônico, segundo os europeus, tendia para o ócio e para a guerra. Comia seus familiares, modificava parte do corpo, adelgaçando os lóbulos das orelhas, afiando e escurecendo os dentes ou achatando a cabeça dos nascituros, seu corpo recebia tatuagens terríveis. Enfim, os autóctones não eram iguais, sendo, portanto, impossível aceitá-los como seres

humanos. Assim, desde os viajantes, foi realizada literariamente a invenção da Amazônia, onde se fundiu o Ocidente com o Oriente, na tentativa de enquadrar os índios em categorias fundamentadas em monstruosidades corporais (Ver Gondim, Neide. *Amazônia de Júlio Verne in Leituras da Amazônia, Revista da U.A. Manaus, 1999*).

O francês La Condamine, “que percorreu o rio Amazonas no século XVIII, viu a Amazônia pelos olhos de seus antecessores” (*Idem.*), para ele, porém, não existiam monstruosidades de corpo, mas de caráter. Dizia que os ameríndios eram apáticos, insensíveis e estúpidos.

Nem todos, porém, assim pensavam. Filósofos e naturalistas, preocupados em estudar as diferenças e as suposições teóricas, além de tentar compreender uma Amazônia particular, romperam o arcabouço imagístico e voltaram seu olhar para o território amazônico tal como Michel de Montaigne, que nitidamente percebeu essa diferença. Comparando usos e costumes de europeus e índios, disse que a “**gente que não usa calças**, deveria ser vista com a moldura de sua origem, de seu mundo, de sua cultura e organização social” (*Ibidem*). Selvagens, para Montaigne, deveriam ser alcunhados aqueles que modificam a cultura dos outros e que veem o novo com olhar do passado.

Apesar de influenciar muitos escritores e filósofos como os iluministas e os contratualistas, entre os quais Locke, Hobbes, Montesquieu e Buffon, muitas notícias chegadas à Europa eram deturpadas, mas analisadas como fatos por escritores que assim o faziam como referência de verdade, o que muito contribuiu para o surgimento de preconceitos sobre a cultura do Novo Mundo, especialmente a da Amazônia.

Mas, esse mundo amazônico encantado e mágico, proporcionou o aparecimento de muitos textos literários de grande valor. Jules Verne, por exemplo, dialoga com os autores citados acima no seu romance *A Jangada*, de 1881, cuja narrativa

na Amazônia é onde ele vaticina o fim dos índios nômades da margem do rio Amazonas. O progresso era incompatível com a permanência da raça se ela não o aderisse sem perder, porém, a dignidade e a cultura (Gondim, 1999).

Ferreira de Castro, português de nascimento, em seu famoso romance *A Selva*, ao abordar a situação espoliativa de um seringal, não se afasta do mito, ponto de expressão em sua obra e elemento conciliador na estrutura do romance.

A literatura amazônica parte, então, do mito, da relação fantástica entre a realidade e a explicação lógica para os fenômenos do universo. E mito, no dizer da filósofa brasileira, Marilena Chauí, é narração. As narrativas não passam daquilo que a razão sempre considera como as esferas ou ordens da realidade. Temos então, ainda segundo a autora, a “narrativa” social, a “narrativa” política, a “narrativa” antropológica, a “narrativa” pictórica, a “narrativa” cinematográfica... Tudo são narrações. Então as diferentes esferas da realidade são mitos que a gente nem sempre sabe de onde vêm nem para onde vão.

Não há literatura em que ele não esteja presente. Vejam, por exemplo, a narrativa homérica. Os escritores amazônicos têm a particularidade de incluí-lo como predestinação poética nas suas criações, porque os mitos que povoam a região são inúmeros e ricos, e parecem revelar o tempo todo sua beleza poética. Ele, o mito, carrega uma narrativa simbólica e uma linguagem a ser desvendada, pois através dele e da poesia é que se desvelam os mistérios do mundo.

Na Amazônia, o mito e a poesia habitam o inconsciente coletivo da sociedade e percebe-se, nesse processo, uma espécie de lirismo existencial. Isso reflete e reforça a intuição de que a cultura amazônica parece trazer para si uma espécie de vocação para a poesia. A Amazônia e sua natureza exuberante propiciam a imaginação, visto o real e o imaginário das esferas da realidade, citadas por Marilena Chauí, se confundirem no final, ao

conduzirem o homem, no dizer de Maria Elisa Bessa (In Existe uma Poética Amazônica?)” *para o deslumbramento de sentir algo sublime, de estar diante do mundo em sua magnitude planetária*”.

Diante da modernidade, falar em literatura amazônica/amapaense é discorrer sobre a esperança de que os nossos literatos venham a produzir com seriedade e determinação profissional nessa difícil arte. Antes desse entendimento, porém, é necessário situar no tempo e no espaço o papel da literatura como veículo e elemento liberador. Os escritores do Amapá, até há pouco tempo, estavam alienados da nossa história e pouco se ligavam ao propósito de valorizar o mito e o contexto narrativo de nossa região, preterindo-os em seus trabalhos.

Entretanto, não acho condenável o que os escritores amapaenses faziam. Creio que o seu comportamento literário se dava muito mais pelo medo do comprometimento com as ideologias contrárias ao processo ditatorial vigente do que pelas suas verdadeiras vontades. Essas atitudes fizeram a literatura local estagnar até o final dos anos setenta. Ideias surgiram natimortas, movimentos artísticos eram simulacros de modernidade, pouco ou nada foi feito para mudar o comportamento geral dos segmentos artísticos e culturais.

Em 1973, com a criação do Clã Liberal do Laguinho, vários artistas e intelectuais tentaram fazer um movimento cultural que pudesse, entre outras coisas, refletir sobre a situação política que o país vivia, principalmente sobre o antigo Território Federal do Amapá, naquele momento tutelado pelo governo central. Luta vã. Muitos deles foram aviltados, presos e até deportados para outros estados de forma compulsória ou, desiludidos, nunca mais retornaram a terra.

Daí então a literatura e a música ganharam duas direções: a primeira era de usar em poesia e letras de músicas temas descomprometidos e pueris, sem valor poético ou literário; a segunda trazia nas entrelinhas o disfarce de uma proposta

codificada de protesto contra a repressão e a conservação dos valores impostos pelos militares. O isolamento geográfico do Amapá, aliado à falta de instrumentos de comunicação como a TV e jornais diários, pode ser considerado um dos entraves ao desenvolvimento da literatura local.

Creio, então, vir daí desses fatores, essa espécie de aniquilamento que assola a literatura local. Creio que a literatura amapaense sofreu muito nesses últimos tempos, ainda que se tivesse o alento da produção de escritores como Álvaro da Cunha, Alcy Araújo e Hélio Pennafort, como a modernidade de Ivo Torres, Isnard Lima e Evandro Salvador. Foi preciso muita luta para que eles dessem o sopro necessário à sobrevivência dessa arte no nosso Estado. São eles referências e influências incontestáveis de toda uma geração de escritores locais.

É verdade que há muitos novos talentos e que muito de bom está por vir. Criar é imperiosa condição do mito e da vida social no ofício de escrever. Para alcançar essa modernidade é necessário, contudo, atualizá-lo. Não pode deixar de lado ou fazer de conta que não existe toda uma determinação material da existência. Deve-se criticar a aparência da realidade que é a mesma máscara social estabelecida. O escritor tem que retornar a pensar nas questões econômicas e nas relações sociais, meter-se na estrutura do conhecimento, do poder, da história e da cultura. O escritor não pode se acomodar.

O Brasil já passou por muitos fatos históricos nocivos, por isso o escritor tem que analisá-los à luz da imaginação. O ofício de escritor é fazer a sua ficção, não importa a certeza histórica; ele tem que polemizar os fatos e criar. Tem que criticar os mitos e as esferas da realidade, pois todo momento é útil para a criação literária. Além disso, a literatura tem que varar a tensão da crise que permanece, e torná-la oportunidade para a criação.

De modo geral, creio ainda que a literatura amapaense precisa de maiores incentivos institucionais. É duvidoso, por

outro lado, o esforço do governo no que tange a divulgação de obras. Sempre não existe verba para o incentivo literário. Não parece existir uma intervenção institucional no segmento literário capaz de forçar a emersão de novos talentos e de conduzir uma política coerente com a nossa realidade que precisa fluir e sair de suas fronteiras.

Insisto e reafirmo que nossa consciência amazônica cria um centro emaranhado de problemas e um vasto mundo de esferas de realidade que podem ser úteis para o surgimento de uma literatura mais qualificada.

De Guimarães Rosa a Dalcídio Jurandir, o mito torna-se narração, e a narração, literatura de qualidade. Isso honra o universo artístico brasileiro e pode fazer surgir uma gama de novos talentos para o engrandecimento da nossa literatura.

Essa é a palavra de ordem: mudança. Mas uma mudança que tenha sabor de um tempo novo como as águas da chuva e do rio que passam influenciando vidas e criações”.

Acrescento que não podemos renunciar ao que temos para usar como temas de narrativas romanescas. Entre imaginação e memórias temos a certeza do surgimento de novas metáforas, de novas memórias, aquelas que sustentam e caracterizam identidades. Assim, não podemos deixar de lembrar que a música, a dança, a comédia e a tragédia, a história e a poesia, são todas musas, filhas de Mnemósine, a deusa da lembrança da mitologia grega, a guardiã de tudo aquilo que pode ser rememorado ou esquecido. Portanto não nos faltam substância.

E, para finalizar, não falo da invisibilidade da nossa literatura, pois o que eu disse acima são formas de melhor aparecermos na literatura universal pela facilidade tecnológica das edições de livros hoje e de sua penetração nos mercados editoriais de todo o mundo. Mas o importante, mesmo, é resistirmos contra tudo o que nos fere e nos angustia. O escritor

é imprescindível na sociedade porque sua escrita é trincheira contra as injustiças e as indignidades, através dos séculos.

Por isso eu faço a seguinte homenagem:

Em 19 de agosto de 1936, no interior da província de Granada, na Espanha, o grande poeta andaluz, Federico Garcia Lorca, foi morto durante uma campanha fascista delirante de assassinatos em massa, contra os opositores e críticos da facção franquista. Dizem que, por ser homossexual, Garcia Lorca foi fuzilado de costas, sem qualquer apelo.

Poeta de uma estética popular exuberante e luminosa e de uma beleza narrativa dramática e desconcertante preencheu em muito o ansioso imaginário de meus anos de adolescente e de jovem romântico atrapalhado, pois ele nos ensinou que não há dignidade humana sem tolerância e liberdade.

É por isso que recolhi esses versos de Pablo Neruda, em homenagem a Federico Garcia Lorca, para dividir alhures com sentimento de muita esperança:

ODE A FEDERICO GARCIA LORCA

"Se pudesse chorar de medo numa casa solitária,
Se pudesse arrancar-me os olhos e comê-los,
Eu o faria pela tua voz de laranjeira enlutada
E pela tua poesia que sai dando gritos

Porque por ti pintam de azul os hospitais
E crescem as escolas e os bairros marítimos,
E se povoam de plumas os anjos feridos
E se cobrem de escamas os peixes nupciais
E vão voando para o céu os ouriços

Por ti as alfaiatarias com suas negras membranas

Se enchem de colheres e de sangue
E engolem fitas vermelhas, e se matam a beijos
E se vestem de branco (...)

Cidades com cheiro de cebola molhada
Esperam que passes cantando roucamente
E silenciosas embarcações de esperma te perseguem,
E andorinhas verdes fazem ninho em teu cabelo
E também caracóis e semanas
Mastros enrolados e cerejeiras
Definitivamente circulam quando assomam
A tua pálida cabeça de quinze olhos
E tua boca de sangue submerso (...)

Para que servem os versos se não for para essa noite
Em que um punhal amargo nos investiga, para esse dia,
Para esse crepúsculo, para esse recanto partido,
Onde o batido coração do homem se dispõe a morrer?

Sobretudo a noite,
À noite tem muitas estrelas,
Todas dentro de um rio,
Como uma fita junto às janelas
Das casas pobres cheia de pobres criaturas

Mataram-nas alguém, talvez,
Perderam seus empregos nos escritórios,
Nos hospitais, nos elevadores,
Nas minas,
Sofrem os seres obstinadamente feridos (...)

Há muito pranto nas janelas,
Os umbrais estão gastos pelo pranto,
As alcovas estão molhadas pelo pranto
Que chega em forma de onda a morder os tapetes

Federico,
Tu vês o mundo, as ruas,
O vinagre,
As despedidas nas estações
Quando a fumaça levanta suas rodas decisivas
Para onde não há nada a não ser algumas
Separações, pedras, vias férreas.

Há tantas criaturas fazendo perguntas
Por toda as partes
Há o cego sangrento, o iracundo, e o desanimado
E o miserável, a árvore das unhas
O bandoleiro com inveja às costas

Assim é a vida, Federico, aqui tens
As coisas que te pode minha amizade
De melancólico varão varonil
Já sabes por ti mesmo muitas coisas
E outras irás sabendo lentamente"

Pablo Neruda:
Residência na Terra II - Ode a Garcia Lorca.

POETAS MODERNOS DO AMAPÁ⁴

Fernando Canto

Cadeira, 04; Patrono: Coaracy Gentil Nunes

URDIDURA (ENIGMA AMAPÁ)

“Des/vendar tua terra, teus sonhos, Amapá.
Des/vendar teus olhos, teus textos não escritos.
Des/velar tua alma circunscrita sobre um rio de
prantos que se espraia para a foz e lava
sortilégios no oceano.

O teu estado é o de ausente nas necessidades,
Amapá. Essas que emergem quando o tempo
lento das tuas tardes flana no teu dorso como a
vida descaindo em chuva nos barrancos e
re/velam teus segredos: **a construção de pedra
ainda esmaecida na paisagem** e o ofício de
viver uma inócua pedagogia da espera.

Tu só sentirás a ruptura ao ouvir a voz
gestante das ciências e o anseio ainda latente no
clamor de homens e mulheres sem os receios
dos silêncios obscuros, sem o medo de arder
velhas memórias, sem a escória a deformar os
teus caminhos e os passos do teu povo em
agonia.

Verás, então, que desvendar-se é pôr o lume
sobre a mente, é libertar-se já do que te oprime, é
trazer o mar de volta para os Andes, é revolver a
vida em ondas inquietas de um novo rio que
surge para sempre no meio do mundo”.

(Fernando Canto)

⁴ Apresentado na Folia Literária Internacional, Macapá, 27/10/2023.

INTRODUÇÃO

Na Amazônia, o mito e a poesia habitam o inconsciente coletivo da sociedade e percebe-se, nesse processo, uma espécie de lirismo existencial. Isso reflete e reforça a intuição de que a cultura amazônica parece trazer para si uma espécie de vocação para a poesia. A Amazônia e sua natureza exuberante propiciam a imaginação, visto o real e o imaginário das esferas da realidade, citadas por Marilena Chauí, se confundirem no final, ao conduzirem o homem” para *o deslumbramento de sentir algo sublime, de estar diante do mundo em sua magnitude planetária*”.(Bessa, In Existe uma Poética Amazônica?)”

Diante da modernidade, falar em literatura amazônica/amapaense é discorrer sobre a esperança de que os nossos literatos venham a produzir com seriedade e determinação profissional nessa difícil arte. Antes desse entendimento, porém, é necessário situar no tempo e no espaço o papel da literatura como veículo e elemento liberador. Os escritores do Amapá, até há pouco tempo estavam alienados dos acontecimentos históricos e pouco se ligavam ao propósito de ampliar suas vozes no que tange ao processo sociocultural e de valorizar o mito e o contexto narrativo de nossa região, preterindo-os em seus trabalhos.

Entretanto, não acho condenável o que os escritores amapaenses faziam. Creio que o seu comportamento literário se dava muito mais pelo medo do comprometimento com as ideologias contrárias ao processo ditatorial vigente do que pelas suas verdadeiras vontades. Essas atitudes fizeram a literatura local estagnar até o final dos anos setenta. Ideias surgiram natimortas, movimentos artísticos eram simulacros de modernidade, pouco ou nada foi feito para mudar o comportamento geral dos segmentos artísticos e culturais.

Em 1973, com a criação do Clã Liberal do Lagunho, vários artistas e intelectuais tentaram fazer um movimento

cultural que pudesse, entre outras coisas, refletir sobre a situação política que o país vivia, principalmente sobre o antigo Território Federal do Amapá, naquele momento tutelado pelo governo central. Luta vã. Muitos deles foram aviltados, presos e até deportados para outros estados de forma compulsória ou, desiludidos, nunca mais retornaram a terra.

Daí então a literatura e a música ganharam duas direções: a primeira era de usar em poesia e letras de músicas temas descomprometidos e pueris, sem valor poético ou literário; a segunda trazia nas entrelinhas o disfarce de uma proposta codificada de protesto contra a repressão e a conservação dos valores impostos pelos militares. O isolamento geográfico do Amapá, aliado à falta de instrumentos de comunicação como a TV e jornais diários, pode ser considerado um dos entraves ao desenvolvimento da literatura local.

Creio, então, vir daí desses fatores, essa espécie de aniquilamento que ainda assola, não tanto como antes, a literatura local. Creio que a literatura aqui produzida sofreu muito nesses últimos tempos, ainda que se tivesse o alento da produção de escritores como Álvaro da Cunha, Alcy Araújo, Arthur Nery Marinho e Hélio Pennafort, como a modernidade de Ivo Torres, Isnard Lima e Evandro Salvador. Foi preciso muita luta para que eles dessem o sopro necessário à sobrevivência dessa arte até a contemporaneidade do nosso Estado. São eles referências e influências incontestáveis de toda uma geração de escritores locais, bem como Manoel Bispo e Carlos Nilson Costa.

É verdade que há muitos novos talentos e que muito de bom está por vir. Criar é imperiosa condição do mito e da vida social no ofício de escrever. Para alcançar essa modernidade é necessário, contudo, atualizá-los. Não pode deixar de lado ou fazer de conta que não existe toda uma determinação material da existência. Deve-se criticar a aparência da realidade que é a mesma máscara social estabelecida. O escritor tem que retornar

a pensar nas questões econômicas e nas relações sociais, meter-se na estrutura do conhecimento, do poder, da história e da cultura. O escritor não pode se acomodar.

O Brasil já passou por muitos fatos históricos nocivos, por isso o escritor tem que analisá-los à luz da imaginação. O ofício de escritor é fazer a sua ficção, não importa a certeza histórica. Ele tem que polemizar os fatos e criar. Tem que criticar os mitos e as esferas da realidade, pois todo momento é útil para a criação literária. Além disso, a literatura tem que varar a tensão da crise que permanece, e torná-la oportunidade para a criação.

De modo geral, creio ainda que a literatura amapaense precisa de maiores incentivos institucionais, como estamos vendo nesta FOLIA, por exemplo. Era duvidoso, por outro lado, o esforço do governo no que tangia à divulgação de obras. Sempre não existia verba para o incentivo literário. Mesmo assim não parece existir uma intervenção institucional no segmento literário capaz de forçar a emergência de novos talentos e de conduzir uma política coerente com a nossa realidade que precisa fluir e sair de suas fronteiras.

Insisto e reafirmo que nossa consciência amazônica cria um centro emaranhado de problemas e um vasto mundo de esferas de realidade que podem ser úteis para o surgimento de uma literatura mais qualificada.

De Guimarães Rosa a Dalcídio Jurandir, uma dessas esferas é o mito que é narração, e a narração, literatura de qualidade. Isso honra o universo artístico brasileiro e pode fazer surgir uma gama de novos talentos para o engrandecimento da nossa escrita.

Estamos atrás da mudança, que não é só uma palavra de ordem. Mas uma mudança que tenha sabor de um tempo novo como as águas da chuva e do rio que passam influenciando vidas e criações.

Acrescento que não podemos renunciar ao que temos para usar como temas de narrativas poéticas ou romanescas. Entre imaginação e memórias temos a certeza do surgimento de novas metáforas, de novas memórias, aquelas que sustentam e caracterizam identidades. Assim, não podemos deixar de lembrar que a música, a dança, a comédia e a tragédia, a história e a poesia, são todas musas, filhas de Mnemósine, a deusa da lembrança da mitologia grega, a guardiã de tudo aquilo que pode ser rememorado ou esquecido. Portanto não nos falta substância.

Não quero falar aqui da invisibilidade da nossa literatura, pois o que eu disse acima são formas de melhor aparecermos na literatura universal pela facilidade tecnológica das edições de livros hoje e de sua penetração nos mercados editoriais de todo o mundo. Temos que ir à luta. Mas o importante, mesmo, é resistirmos contra tudo o que nos fere e nos angustia. O escritor é imprescindível na sociedade porque sua escrita é trincheira contra as injustiças e as indignidades, através dos séculos.

Por isso, ao falar dos modernos poetas do Amapá eu quero falar do sangue derramado em palavras e versos, das dificuldades temáticas esbarradas contra as suas vontades na barreira ideológica a qual, enquanto funcionários públicos, percebiam do que se tratava no auge de suas criações. Sabiam eles que somente o tempo era o elemento que podia romper as paredes ideológicas do estado vigente, pois nada é inacessível absoluto para ele, como dizia a filósofa espanhola Maria Zambrano.

Não se pode negar os esforços que fizeram esses primeiros poetas, escritores e jornalistas para dinamizar a cultura e, assim, influenciar muitos dos que hoje estão numa posição de destaque no Amapá.

Alcy Araújo, velho poeta-do-cais, nas suas constantes viagens pelo Saara e pensamentos sobre a Noruega, à sombra dos guindastes, aprendeu de forma bem surrealista o quanto a vida de artista é dura, e por isso escreveu sua *Autogeografia*.

Álvaro da Cunha, poeta dos maiores, publicou, entre outros, *Pássaros de chumbo*, em 1951. Ivo Torres, desde que morou em Macapá, contribuiu para o movimento poético nacional com seus poemas concretos. Publicou no Rio de Janeiro, o livro *Cromossomos*. Arthur Néri Marinho e Aluizio Cunha fizeram parte da Antologia de Modernos Poetas Amapaenses, chegando a fundar revistas importantes, como a *Rumo* e a *Latitude Zero*.

A Sociedade Artística Amapaense, clubes de arte e grêmios literários dos mais importantes colégios da capital lideraram movimentos artísticos, transpondo todas as dificuldades da época, inclusive as de comunicação com outros estados.

Sucederam-se jornais como *A Notícia*, *A Folha do Povo*, *Novo Amapá* e *Baluartes* e outros órgãos de informação e divulgação da arte que, ao longo do tempo, sumiram de circulação por problemas financeiros e falta de apoio.

Só os mais maduros se lembram e contam as alegrias e tristezas dos movimentos artísticos amapaenses, mormente antes do golpe militar de 1964, quando o Grêmio Literário “Rui Barbosa”, do Colégio Amapaense, tinha objetivos nobres, apesar das divergências ideológicas, tanto nas artes, quanto na política. Mas as ideologias eram aceitas ou refutadas, causavam conturbações e discussões democráticas devido à instabilidade e ao convulsão interno, político e social, da época.

Isso tudo passou. Hoje, muitos artistas amapaenses estão espalhados por este Brasil a fora, lutando para conseguir um lugar de respeito no cenário nacional.

PRIMEIRA ANTOLOGIA DE POETAS

Na apresentação da Antologia de Modernos Poetas do Amapá, de 1960, os poetas já sabiam o que queriam ao bradarem a justificativa seguinte:

“Plasma-se a cultura, impõem-se a arte num trato do equador, onde mal o homem se apropriou da terra”. Assim, os escritores e pioneiros na época da transformação do Amapá em Território viam e propagavam sua contribuição para a literatura daquele “Território jovem, cujas aptidões de progresso já afirmam, na Amazônia, no centro da Hileia, a bem dizer paulistas de desenvolvimento”.

Não obstante os esforços conjugados por esses homens para contribuir com a cultura do Território e estabelecer na capital, Macapá, um centro cultural que acompanhasse a evolução e os movimentos literários do Brasil, a tentativa não gerou frutos imediatos.

Ao assumir as dores do parto pelo nascimento da filha, esses homens ficaram por longa data perdidos no tempo e condenados ao ostracismo literário, na esperança de verem na velhice a “literatura amapaense” ressurgir curada, bonita e gloriosa, para assim poderem viver o resto de seus dias em paz.

Eu dizia até um tempo atrás que a superficialidade, característica da nossa criação literária, juntava-se às jactâncias tão peculiares de uma sociedade provinciana, em detrimento de uma verdadeira literatura que se fazia urgente aparecer para ficar.

Tínhamos exemplos angustiantes de pessoas que por motivos óbvios preferiram tentar mostrar seu talento em centros maiores, lutando para conseguir um lugar ao sol e ganhar um nome merecedor de respeito na difícil arte de escrever, no difícil trabalho de falar sério, de inventar sério e criar com seriedade para obter respeito.

Salvo raríssimas exceções, a criação literária amapaense possuía uma minguada expressão. Expressão essa que significava toda a condição de isolamento de nossa sociedade e mostrava a crua realidade de nossos escritores, muitos deles mitificados por desavisados e pouco acostumados com a crítica e com o senso de autoanálise.

Bons poetas e cronistas, que acompanharam a evolução do movimento modernista, conseguiram, até certo ponto, com algumas publicações, contribuir para a literatura amazônica, mas de modo bastante relativo. Foi uma contribuição inesquecível pelo fato de até a recente data não aparecer nenhum escritor de expressão proveniente do Amapá que seja significativo para a arte literária do Brasil ou, mesmo modestamente, para a Amazônia.

Este, portanto, é o estado em que possivelmente ainda vive a nossa literatura. Uma situação em que os que possuem um pouco do talento desejado omitem-se, não escrevem sério e estagnam sua criação por falta de seriedade, bom senso e coerência. Percebe-se, então a ausência de comprometido com a literatura nacional com suas produções amazônicas.

A PROLIFERAÇÃO DE POETAS

Por que a maioria dos escritores amapaenses é poeta?

Escrever em versos não significa limitação quando se tem talento poético, mas nem todos têm esse privilégio. A maioria escreve por escrever, comprometendo o que sobra da seriedade na nossa defasada e quase moribunda literatura.

A partir dos anos sessenta, com a “morte” dos grêmios literários de nossos colégios, a criação literária do Amapá passou a ser privilégio de poucos, que se limitaram a escrever esporadicamente em revistas e jornais particulares e do governo.

Desta forma, a constância dos efeitos da época descambou unilateralmente para uma parca literatura criada em função da prática de conscientização política da situação, que muito menos é criativa/espontânea e é mais especificamente manipulação das formas de expressão que o poder usa para abarcar os pilares que faltam a sua estrutura, numa luta

desesperadora pela totalização de simpatias e pragmatismo político através da arte.

E a propaganda feita através da literatura consolidou-se não somente no Amapá, mas em todo o país, deixando sobras para os que vieram atrás. Sobra essa que foi e ainda é, em parte, uma geração sem crítica, que quando muito escreve, faz versos carregados de condicionamentos e é inconscientemente marcada pelo bombardeamento ideológico da propaganda e dos panfletos da literatura.

A razão do nascimento de dezenas de poetas no Amapá, a meu ver, está intrinsecamente ligada a fatores de isolamento e condicionamento, quase alienação. A falta de seriedade com que os poetas veem e criam suas obras é uma forma de se alienarem da realidade. A hipercriação de poemas e versos escritos nada mais é do que uma forma de concorrência vulgar para os poetas. É uma corrida louca e sem sentido para ver quem produz mais. Conheço alguns poetas que são bissextos e bons, diga-se de passagem, mas conheço outros que se destacam e se vangloriam pela quantidade de versos escritos, em detrimento da qualidade que só faz comprometer a nossa arte literária, tornando-a desacreditada a ponto de servir de chacota para os observadores de fora.

OS NOSSOS ESCRITORES

Durante a década de 50 e parte da de 60, o que se viu no Amapá, no aspecto literário, foi um esforço sobre-humano dos intelectuais da terra para que os trabalhos de pessoas de talento fossem projetados além de nossas fronteiras, a fim de receber críticas e se consolidar no cenário nacional. Poucos conseguiram o objetivo.

Do grupo de burocratas-escritores que se formou, apesar do hermetismo em torno deles apenas Alcy Araújo, Álvaro da Cunha e Ivo Torres tiveram renome, mesmo assim temporário.

Alcy Araújo que no início do ano que vem faz um século de nascimento, muitos dos quais de casamento com as letras, seja no jornalismo e na poesia, lançou “Autogeografia” em 1965, com crônicas-contos e poemas influenciados pela escola modernista.

“Autogeografia” mereceu uma reedição da prefeitura de Macapá, bem como Ivo Torres, Manoel Bispo e Isnard Lima, mas Álvaro da Cunha não teve essa sorte com seu “Pássaro de Chumbo”. Cordeiro Gomes, poeta também falecido, era uma figura preocupada com a cultura amazônica. Escreveu seus versos falando de Vigia e do Marabaixo. Isnard Lima fez “na marra” seu “Rosas para a Madrugada” (duas edições) e perambulou a Amazônia de porta em porta vendendo seus livros e promovendo a poesia amapaense.

Esses nomes, além de outros, para nós foram de grande importância, até certo limite. Eles foram as pessoas que com coragem fizeram alguma coisa pelas nossas letras, sofrendo toda a sorte de problemas que aflige a classe literária. Esses nomes foram mitificados por nós e isso pode ter sido um grande erro. Pode ser que o mito criado tenha sido prejudicial para a geração atual pelo fato desta ficar passiva e se acostumar com as dificuldades, não fazendo absolutamente nada para promover o nome do Amapá de forma séria e, também, seu próprio nome. Por outro lado pode não ter sido um erro, mas uma forma desesperada de amar o que tínhamos e o que nos restava.

A LITERATURA

Sabe-se que a literatura é uma forma de representação coletiva e provém do seio do povo, da população que vive e fala. E o autor, como participante do povo, aprende a colher subsídios para sua criação através da experiência por mais empírica que seja. Daí que o talento, a seriedade e o método de trabalho da criação deve ser visto como um fator primordial

para a realização de sua escolha. A partir da escolha e da publicação não devem ser medidos esforços para a divulgação dos trabalhos, principalmente entre os colégios, universidades e outras instituições de ensino.

A literatura deve ser olhada do ângulo crítico como um veículo de transformação social, da mesma forma que a pintura e a música o são, na medida que a população e as instituições sociais saibam olhá-la como um instrumento de mudança.

A história da nossa literatura nos ensina que por um certo tempo a consciência democrática foi dela afastada e deu vez a muitas incoerências. Ora, a nossa identidade, durante os anos que existe o Amapá, foi massacrada pela ausência de metas mais ambiciosas e pela inconstância de muitos escritores que não nos legaram o registro para uma memória saudável de nossa história literária.

O fracionamento do grupo que encabeçava o movimento literário nos anos 50 e 60, mesmo com a fundação da Academia Amapaense de Letras em 1953, foi o resultado de pressões e frustrações, se considerarmos o momento político em que viveram.

Além dos aspectos vistos por nós até agora nesta linha crítica que pode parecer uma expressão de pessimismo, não podemos deixar de alertar os responsáveis pela nossa cultura sobre a formação de arquivos literários, tanto sobre o Amapá (História, Geografia, Economia, Sociologia etc.) como o que já foi escrito por amapaenses dentro e fora do Estado.

Esse acervo se faz necessário porque as novas gerações precisam saber mais coisas sobre o seu lugar e sua gente. O acervo precisa ser feito e conservado com acesso a todos os pesquisadores interessados em nossa cultura, principalmente em nossas letras. E não é um papel apenas das universidades. Deve ser plural e democrático.

A literatura produzida no Amapá, feita até então como prática individual, precisa ser reforçada por aqueles que nela

têm interesse e a querem como arte de participação da coletividade, como forma democrática de mostrar a realidade e a criatividade, a memória de nossa gente e a identidade que precisamos fortalecer no meio do mundo.

Hoje, ao analisar mais profundamente a literatura local, não posso me eximir de afirmar que ela nasce do discurso fundador de uma literatura das pedras, que são as narrativas literárias e textuais de escritores e poetas, pois o processo a que me ancore se constrói a partir da literatura vinculada a todos os autores, antigos, modernos e contemporâneos que escreveram sobre a Fortaleza de São José de Macapá, enquanto ícone elementar da nossa capital, que tenham ou não representado a ordem (o Estado) ou a contraordem e suas oposições ao discurso do Estado.

O discurso dos modernos poetas foi uma espécie de segundo discurso fundador (o primeiro foi o da Mística do Amapá) da nossa vida local e, obviamente, da literatura. Esse discurso fundador que incita e molda o outro a ser como o emissor (o poder dominante) o quer. O Outro não é um ser em plenitude, é um ser desejanste. São todos aqueles que existem na literatura e nas suas relações sociais. São personagens de um contexto histórico-literário, que viveram e que foram desterrados e degredados no mundo desconhecido da Amazônia setecentista envolta em mistérios fabulosos de esquecimentos, silenciamentos e mortes, longe dos clarões do iluminismo europeu. São migrantes que se instalaram na cidade ao redor da fortificação, vindos em busca de um eldorado tosco e do emprego fácil quando da instalação da capital do Território Federal do Amapá; são aqueles que acreditaram na promessa política dos governantes de então. São, enfim, nativos e estrangeiros desvalidos, mas esperançosos, a olhar por cima dos muros da Fortaleza de São José de Macapá o maior rio do mundo correndo para o mar, com a pujança das marés lançantes e a calma de um remanso na maré seca. São todos que os

trouxeram para o Amapá a sua cultura, seus sotaques e costumes e se somaram à experiência dos nativos, no discurso e na imaginação dos autores literários que os fizeram poetas sob o céu do equador.

E assim o foram os poetas modernos do Amapá.

Fica aqui então minha homenagens a esses intelectuais orgânicos e poetas por natureza que estartaram a nossa velha literatura parnasiana e romântica para a modernidade, influenciando até hoje as sucessivas gerações de poetas do Amapá.

Viva Alcy, Viva Álvaro, Viva Arthur, Viva Aluísio e viva Ivo!

MUITO OBRIGADO.

REPENSARES SOBRE O AMAPÁ: ENSAIOS DE APRENDIZAGEM DE USOS DE SEU TERRITÓRIO⁵

Jadson Porto

Cadeira, 17; Patrono: Joaquim Caetano da Silva.

Em 2023, o Amapá completou 8 décadas de existência como ente federativo. Neste período, (re)formatações e (re)configurações espaciais, econômicas, institucionais ocorreram em seu território (Porto, 2022c). Este ensaio visa refletir alguns repensares sobre o Amapá e seus aprendizados de usos de seu território.

Enquanto Território Federal⁶, o Amapá criou estruturas políticas, econômicas, sociais e administrativas internas que em muito contribuíram para a sua estadualização. Essas estruturas reforçam a interpretação que essas Unidades Federativas foram “*Estados em embrião*” (Ferreira Filho, 1975).

Sob os pontos de vista político e administrativos, deve-se ressaltar que a própria transformação do Amapá em Estado implicou em nova relação dessa nova unidade autônoma com o federalismo brasileiro. No político, tem-se a mudança nas suas orientações legais, fundamentalmente após a promulgação de sua Constituição Estadual, em 1991.

⁵ Apresentado no II Festival Literário de Macapá (Flimac), em 18/10/2023.

⁶ Sobre os Territórios Federais, vide: Medeiros (1944; 1946); Mortara (1944); Benevides (1946); Capes (1957); Reis (1963); Mayer (1976); Rosa (1972); Temer (1975); Jacques (1977); Freitas (1991); Porto (2003; 2020b; 2022c; 2023b); Porto e Schweitzer (2018).

Até a década de 1990, a exploração manganésifera apresentava-se como a principal atividade econômica na balança comercial amapaense e a grande atuação do Estado em investimento público na sua economia. A partir de então, as reflexões sobre este ente federativo passaram a ser repensadas, reinterpretadas, discutidas, decorrentes da inserção e diversificação de outras atividades, embora continuem serem exercidas no setor de serviços e de exportação de *commodities*, mas de produtos para além da mineração. Daí a necessidade de se rever o impacto deste novo perfil de produção e intenções de desenvolvimento proferidos.

Entre as releituras, expõe-se aqui, com teor geográfico, a de que o Estado do Amapá se comporta como um “*território estratégico recomposto periférico tardio e institucionalizado*” (Porto, 2020a), constantemente *acionado* pelo capital (Porto, 2021a), à medida que se *implantavam* sistemas de engenharia e ajustes no espaço amapaense.

Assim, gradativamente, em sua temporalidade, este ente federativo passa a manifestar os seguintes comportamentos: De periférico nacional a estratégico internacional, o Amapá vem se consolidando; de fronteiro desconectado a articulado, vem sendo construído; de espaço de expansão a de restrição, vem se formatando; da condição fronteiriça a ensaios transfronteiriços, vem se construindo; vivificações e vitalizações espaciais, continuam sendo elaborados para estimular novos usos e reconstruir a outras funções de seu território.

Dentre as releituras executadas, os novos comportamentos espaciais e territoriais efetuados no Estado do Amapá, tem-se exigido, também, novas abordagens e reflexões outras, tais como: O Amapá enquanto institucionalidade; espacialidade; territorialidade; acionalidade; como seu território é usado e a sua interagibilidade com outros espaços.

Tal leitura multiescalar é absolutamente pertinente para se entender sobre o que é e qual tipo de desenvolvimento se deseja para esse estado brasileiro. Ao observar o comportamento da construção do uso do território amapaense em suas ações econômicas e institucionais, enquanto Território Federal (1943-1988) e na condição de estado brasileiro (pós-1988), Porto (2022c) sugere propostas de reflexões sobre o espaço e periodizações para se analisar as dinâmicas social, econômica e territorial amapaenses.

Sobre o repensar à questão urbana amapaense, por exemplo, há em curso uma *região em metropolização*, envolvendo os municípios de Macapá, Santana e Mazagão. Mas esta regionalização não possui governança (Porto, 2018; Silva; Porto, 2022).

Assim, institucionalidades e espacialidades urbanas foram construídas, onde as institucionalidades intencionam regulamentar as espacialidades, seja para *vivificar* ou *vitalizar* o território⁷, a exemplo de(a): indicação de município para ser a capital do TFA; criação de novos municípios; criação, expansão e regulamentação da Região Metropolitana Amapaense (RMA); criação de órgãos gestores (Prefeituras) ou para se elaborar políticas urbanas (Planos Diretores, Secretaria de Estado do Desenvolvimento Urbano, em 2016; do Conselho das Cidades do Estado do Amapá, 2017)⁸; há a ocorrência de dois modelos de aglomerados urbanos: um composto por municípios pequenos e; o outro identificada como Região Metropolitana.

Esta região metropolitana, então, deve ser percebida, planejada e analisada como uma espacialidade conjunta, composta

⁷ Para Porto e Superti (2022), *vivificar* diz respeito ao estímulo das políticas públicas na conformação do território. Ao passo que *vitalizar*, expressa o uso do território em si, seja em ações formais ou informais.

⁸ Tais órgãos e as prefeituras integrantes da RMA não a insiram em seus planejamentos, bem como seus planos diretores não são articulados e inexistente uma governança e plano diretor metropolitano no Estado do Amapá.

pelos municípios por ela envolvidos (Macapá, Santana e Mazagão). Neste sentido, a RMA Metropolitana deve ser analisada sob três entendimentos, ei-los: *espacialidade, institucionalidade e territorialidade*.

Quanto à inte(g)rabilidade territorial, ressalta-se a construção de rodovias e suas vicinais, destacando: a) a Rodovia BR-156, que atravessa o Amapá de Norte a Sul, com 964 km, liga Laranjal do Jari ao Oiapoque, sendo aproximadamente 400 km pavimentados; b) A BR-210, também conhecida como *Perimetral Norte*, iniciada em 1953, intencionava interligar Amapá com o Estado do Amazonas, iniciando em Macapá a trajetória. Esta rodovia possui cerca de 250 km completamente inserido no território amapaense, ligando o município de Serra do Navio a Macapá. Até a conclusão deste texto, somente 150 km é asfaltado, no trecho entre Porto Grande e Macapá. A construção dessas rodovias gerou novas dinâmicas territoriais locais, por passarem por trechos distantes dos rios, terras-firmes, e gerando vilas e cidades às margens rodoviárias.

É um ente federativo com 8 décadas de existência, com comportamentos distintos em suas fases (enquanto Território Federal e enquanto Estado); em seus usos territoriais recompostos em suas temporalidades, inseridas na economia-mundo e nas políticas territoriais nacional e regional; em busca de seu centenário e alcançar o seu desenvolvimento.

E entre reflexões, regionalizações e periodizações, *Amapás* aparecem, são construídos, politizados, reconstruídos com novas funções e uso (Porto, 2022b; 2023a).

Enfim, na expectativa de responder à questão “*o que é Amapá?*” As respostas são, no mínimo, multiescalares e plurais, pois esse ente federativo deve ser analisado para além do entendimento usual de ente federativo, atravessado pela linha do Equador. O entendimento multiescalar decorre por ser um ente federativo fronteiriço, com ensaios recentes de articulações transfronteiriças; é articulado com o sistema-mundo pelo seu

sistema portuário; possui configurações espaciais internas bastante distintas quanto ao uso de seu território; e há ocorrência de diversas regionalizações, seja considerando seus aspectos ambientais, econômicos, políticas públicas e políticas governamentais, seja na recém-criada e regulamentada região metropolitana quanto ao uso de seu território.

Ao completar 80 anos como ente federativo brasileiro, o repensar sobre esse estado se faz necessário e estimulante. Pois, na expectativa de se gerar novos debates e reflexões analíticas sobre as oito décadas percorridas, os usos e funções de seu território, considerando as suas recomposições territoriais e históricas; refletir sobre a *vivificação* e *vitalização* do território amapaense e perceber as potencialidades e tudo que ali existe e convive é inserido, articulado, envolvido, selecionado e acionado para atender aos interesses, relações e atividades do capital, com grande atuação da magnitude do Estado nessas dinâmicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENEVIDES, M. **Os novos Territórios Federais** (Amapá, Rio Branco, Guaporé, Ponta Porã, Iguaçu): geografia história e legislação. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

CAPES. **Estudos de desenvolvimento regional** (Territórios Federais). Rio de Janeiro: CAPES, 1957.

FERREIRA FILHO, M. G. **Curso de Direito Constitucional**. 22ª ed. São Paulo: Saraiva, 1975.

FREITAS, A. **As políticas públicas e administrativas de Territórios Federais no Brasil**. Boa Vista: Boa Vista, 1991.

JACQUES, P. **Curso de Direito Constitucional**. Rio de Janeiro: Forense. 1977.

MAYER, L. R. A natureza jurídica dos Territórios Federais. In: **Revista de Direito Administrativo**. Rio de Janeiro, 125:15-41. Jul./set. 1976.

MEDEIROS, O. **Territórios Federais**: doutrina, legislação e jurisprudência. Rio de Janeiro: Nacional de Direito, 1944.

MEDEIROS, O. **Administração Territorial** (Comentários, subsídios e novas leis). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

MORTARA, G. Os Territórios Federais recém-criados e seus novos limites. **Boletim Geográfico**. 2 (16) Jul., 1944.

PORTO, J. L. R. **Amapá**: Principais Transformações Econômicas e Institucionais (1943-2000). Macapá: SETEC. 2003.

PORTO, J. L. R. A construção da condição urbana-metropolitana amapaense. **Acta Geográfica**. v. 12, p. 145-159, 2018.

PORTO, J. L. R. **Desenvolvimento geográfico desigual da Faixa de Fronteira da Amazônia Setentrional brasileira**: reformas da condição fronteiriça amapaense (1943-2013). Maringá: Uniedusul, 2020a.

PORTO, J. L. R. **Entre o tempo e o limite, entre andanças e descobrimentos**. Curitiba: Uniedusul, 2020b.

PORTO, J. L. R. Os Territórios Federais e a fronteira Brasileira: A formação da condição fronteiriça amapaense. In: FERREIRA, J. F. C. **Geografia do Amapá em Perspectiva**. 1 ed. Maringá: Uniedusul, 2020c, v.2, p. 34-48.

PORTO, J. L. R. A acionalidade espacial e a Amazônia: de espaço isolado, truncado, à busca pela integração. In: SANTOS, A. Q. et al. **Wilson Cano**: A questão regional e urbana no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Editora Expressão Popular: ABED, 2021a. p. 362-377.

PORTO, J. L. R. Entre vivificações e vitalizações espaciais: Entre transferência de capital a novas aglomerações urbanas no território

amapaense. In: LEOPOLDO, E.; LIMA, M. C.; SOUSA, I. S. (Orgs.). **A Produção do Espaço Urbano e Regional na Amazônia**. Rio de Janeiro: Consequência, 2022a, v.1, p. 40-60.

PORTO, J. L. R. **Periodizações para se pensar o Amapá**. Macapá, 2022b. DOI: 10.13140/RG.2.2.19506.27844.

PORTO, J. L. R. Repensando o Estado do Amapá (Brasil): entre (re)formatações e (re)configurações espaciais. **Revista Confins**, v. 55: 131 - 146, 2022c.

PORTO, J. **Amapá: oitenta anos de novas acionalidades e dinâmicas territoriais (1943-2023)**. Maringá: Uniedusul, 2023a.

PORTO, J. **Os Territórios Federais no Brasil: Aspectos de um ente em construção**. Maringá: Uniedusul, 2023b. DOI: 10.51324/54180528.

PORTO, J. L. R.; SCHWEITZER, A. **Estrategias territoriales para la ocupación del continente sudamericano: inserción de la periferia e institucionalización espacial**. Macapá: Edunifap, 2018.

PORTO, J. L. R.; SUPERTI, E. Peripheral or strategic? The border condition of the amazon frontier in Brazil. **Estudios Fronterizos**. (23): 1 - 22, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.21670/ref.2219103>.

REIS, A. C. F. **Território do Amapá: perfil histórico**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1949.

REIS, A. C. F. A idéia de Território no pensamento do legislativo brasileiro. **Revista Brasileira de Direito Administrativo** (74). out./dez., 1963.

ROSA, R. Dos Territórios Federais. **Boletim Geográfico**. 23 (181). jul/ago, 1972.

SILVA, C. O.; PORTO, J. L. R. A condição urbano-metropolitana do Amapá: Novas configurações em estado fronteiriço, In:

PACÍFICO FILHO, M.; SILVA, L. O. F.; LIMA, J. F.; GOMES, J. B. (Orgs.). **Urbanodiversidade**: possibilidades e contradições. Palmas: EdUFT, 2022, v.1, p. 264-297.

TEMER, M. **Território Federal nas constituições brasileiras**. São Paulo: Revista dos Tribunais/EDUC, 1975.

O PAPEL DA ACADEMIA DE LETRAS EM UMA SOCIEDADE⁹

João Wilson Savino Carvalho

Cadeira, 18; Patrono: Joaquim Gomes Diniz.

Boa tarde, pessoas.

Sou o ocupante da Cadeira n° 18, e ante o que foi dito por meus colegas, vou resistir à tentação de falar sobre a tensão produtiva que existe entre o conhecimento epistêmico e a arte, principalmente a literatura, porque o tempo é curto e o tema da mesa é mais amplo, e vou focar na relação entre a Academia e a sociedade.

Eu gostaria de iniciar a minha fala lembrando a curiosidade que desperta a existência de uma academia amapaense de letras. Quando um amigo toma conhecimento de que você foi eleito para a Academia Amapaense de Letras e vem te parabenizar, ele eventualmente diz: “Caramba! Eu nem sabia que tinha uma academia de letras no Amapá”!

Esse comentário não é de estranhar porque a AAL realmente esteve muito tempo inativa, e até mesmo esquecida, mas o mesmo não aconteceu com a literatura, que continuou a ser cultivada pelos que gostam de escrever.

Esse primeiro assombro é interessante porque nos conduz diretamente ao seguinte: “Mas você escreve? Eu nem sabia”!

⁹ Apresentado na Folia Literária Internacional, Macapá, 27/10/2023.

Em resposta você fala de sua produção literária, de suas lutas para divulgar seus contos, suas crônicas, seus romances, e então seu parceiro de diálogo se mostra cada vez mais interessado. Eventualmente expressa comentários tipo: “Poxa! Eu até tinha vontade de passar para o papel algumas ideias, mas não sei nem por onde começar”. Sorrindo você responde: “Experimente começar no canto superior esquerdo do papel, escreva o que tem a dizer para a humanidade, para os seus amigos, para todo mundo, e depois você depura num conto, numa crônica, num romance ou numa poesia”.

O diálogo progride sobre a arte da escrita até que vem a pergunta crucial: “Mas, afinal, o que faz um membro da academia de letras”? Então você responde a ele “é exatamente o que nós estivemos fazendo agora, cultivando o amor às letras”.

O fato é que esse cultivo às letras não se dá apenas no momento em que você está escrevendo ou palestrando em uma escola, se dá no cotidiano da nossa existência, na compreensão e na divulgação de que a literatura é essencial para a nossa existência, não apenas para a existência dos literatos, mas para a existência autêntica de todo mundo.

E por isso que foi tão importante a criação de uma academia de letras no Amapá há setenta anos, e também por isso que é tão importante a sua recente reativação. A Academia esteve hibernando por muito tempo, mas não deixou de existir. Os ícones da literatura amapaense que a fundaram estiveram muito ocupados com a política, com a administração, com suas vidas pessoais, mas suas obras continuaram servindo de marco institucional do Amapá. E essa relação é importante não só para a sociedade como um todo, mas principalmente para a literatura.

Vou dar um exemplo bem concreto, um artigo acadêmico que eu estava escrevendo sobre o papel da FLBA no desenvolvimento rural do Amapá, e tive no escritor César Bernardo uma das fontes mais consistentes de material para o artigo. E por

que foi assim? Porque sua literatura não surgiu do nada, não é uma experiência mística, uma espécie de iluminação. Não, o que César Bernardo escreve é fruto de toda uma vida de experiências, de lida, de trabalho cotidiano pela terra que ele escolheu e pelo que ele escolheu fazer nessa terra, e é por isso que ele escreve.

Já no caso da academia, gostaria de lembrar Rousseau e sua participação no Concurso da Academia de Dijon, em 1750. Hoje, qualquer estudante do ensino médio sabe que Rousseau foi o cara que disse que o homem nasce bom e a sociedade é que o corrompe, mas ninguém mais sabe os nomes dos caras da Academia de Dijon que avaliavam os trabalhos submetidos ao concurso, e que receberam uma enxurrada de textos apresentando as ciências e as letras como uma coisa maravilhosa e apenas um mostrando o lado negativo da coisa, e tiveram a grande sacada de compreender que era aquele que trazia a reflexão tão necessária para a sociedade daquele momento e isso é assim mesmo agora.

Então é isso, se grande papel do escritor é ser testemunha de seu tempo, testemunha da cultura da sua época e lugar, o papel da Academia de Letras é mais perante a sociedade, quando ela toma para si o encargo de cultivar e refinar essa obra pela criação de um espaço cultural favorável ao florescimento da literatura local, regando especialmente o que nela tem um sabor universal, enfim, cultivando a literatura como um todo, com tudo de bom que ela traz para todos nós.

Por fim, pedindo a paciência de todos, concluo dizendo que discordo dos que me antecederam, no sentido de que entendo que há sim uma grande aproximação entre o texto acadêmico-científico e o texto literário, na medida em que o trabalho de pesquisa sem a criatividade e sem a apresentação em um belo texto não vai muito longe.

Muito obrigado!

A ACADEMIA AMAPAENSE DE LETRAS: O ESTÍMULO ÀS VIAGENS LITERARIAS¹⁰

José Alberto Tostes
Cadeira, 39; Patrono: Waldemiro Gomes

Boa tarde, a todos e todas, confrades e congreiras aqui presentes.

Parabenizo os organizadores do evento Folia Literária, que destaca o valor que representa encontros como esse que possibilita o intercâmbio, troca de ideias e experiências, bem como a produção literária no Amapá. Portanto, há uma necessidade permanente da realização de um calendário anual que envolva não somente o segmento literário, mas também todo o setor da cultura. O interesse em participar da Academia surgiu de diálogos com o colega da Unifap, hoje, também confrade da Academia, Jadson Porto.

Sou professor e pesquisador da Universidade Federal do Amapá e todo o meu trabalho está relacionado com a produção acadêmica e científica desenvolvida em um período de 32 anos. Sou ocupante da cadeira 39, que tem como patrono Waldomiro Oliveira Gomes, o pioneiro Waldemiro Oliveira Gomes, nasceu em Belém, Estado do Pará, no dia 4 de dezembro de 1895. Fez seus estudos em Portugal e diplomou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, especializando-se em Botânica Médica, Parasitologia, Química e Física Médica.

¹⁰ Apresentado na Folia Literária Internacional, Macapá, 27/10/2023.

Em 1916, com apenas 21 anos de idade, passou a assessorar o eminente médico-cientista Dr. Gaspar Viana no Laboratório de Histologia e Química Bacteriológica do Rio de Janeiro. Foi autor de plantas e projetos para construção de balneários em Portugal; Diretor e Contabilista de vários hotéis; trabalhou em uma fábrica de laticínio. Retornando ao Pará, foi assistente particular do Dr. Paul Le Coant, Diretor da Escola de Química e do antigo Museu Comercial do Pará. Em parceria com Benedito Sá, foi o primeiro no Norte do Brasil a fabricar anódios de ferro para soldagem; o primeiro a fabricar livros de borracha. Chegou ao Amapá, em 1935, conseguindo, através de decreto presidencial, licença para explorar cassiterita, tantalita e columbita, pioneiro em Macapá; autor do primeiro mapa assinalando a ocorrência de minérios na região do Amapari, catalogando 79 igarapés, trabalho esse executado em dois anos, sem qualquer ajuda de terceiros.

Tendo como patrono Waldomiro Gomes, ingressei na academia a partir do ano de 2022, é uma honra participar da Academia, pois é fundamental nesse momento tão importante, desenvolver e incentivar a literatura, seja ela literária ou científica, estamos vivendo um tempo restrito onde as redes sociais incentivam uma visão mais reduzida das notícias, como o twitter.

Academia Amapaense de Letras tem o papel importante, de incentivar e estimular o desenvolvimento da literatura no estado do Amapá, proporcionando aos jovens amapaenses o acesso ao universo do conhecimento. Me incomoda o fato de que no estado do Amapá a cultura seja induzida apenas pelas ações do governo do estado ou do município, deixando o segmento cultural fragilizado.

A minha preferência pela literatura começou aos 12 anos de idade com uma gincana literária através da obra: "Volta ao mundo em 80 dias", obra clássica de Júlio Verne, a referida obra abriu as portas para uma grande viagem que culminou pelo interesse pela literatura e o conjunto dessa trajetória

proporcionou a publicação recente em 2021, do livro: "A fantástica percepção do mundo: Toda viagem é uma busca". Outra ação importante foi a criação de um blogspot (www.josealbertostes.blogspot.com) que hoje tem mais de seis mil publicações com distintas abordagens acadêmicas e científicas, além de relatos de experiências de viagens. Ao largo de 13 anos tive a oportunidade de produzir mais de 890 artigos e crônicas para o Jornal A Gazeta do Amapá.

Academia tem o papel fundamental de difundir a literatura no âmbito das escolas, desde o ano de 2022, academia amapaense tem realizado diversos eventos e ações que fazem parte do aniversário de 70 anos, evento que deu maior amplitude para os trabalhos da Academia. É interessante que a literatura seja inserida desde muito cedo na vida de alguém. Assim, as crianças e os jovens vão ter a literatura como um importante instrumento que os auxiliarão a se desenvolverem em diferentes âmbitos de suas vidas. Quanto mais cedo a literatura é apresentada para um indivíduo, melhor para seu desenvolvimento.

É preciso também socializar o trabalho da Academia e dos acadêmicos, criando um ambiente oportuno para aproximar os membros da academia da própria sociedade, um fato expressivo, pois a partir do último edital foi oportuno a entrada não somente de poetas, mas também de científicos que tanto contribuíram para o desenvolvimento do estado do Amapá.

No estado do Amapá o apoio ao desenvolvimento literário ainda é algo incipiente, a essência da produção ocorre na capital Macapá. Os recursos que movem a produção literária no estado do Amapá ainda são restritos, os elevados custos para a produção de uma obra têm ocasionado que grande parte dos livros registrados são hoje na forma de publicações digitais.

Muito embora as publicações digitais tenham proporcionado o acesso universal ao conhecimento através da internet, o livro físico ainda é muito sedutor, embora os custos

nos dias atuais sejam muito elevados. Os dados existentes hoje sobre a realidade literária no Brasil demonstram a preocupação com os níveis de leitura no Brasil.

De acordo com Agência Brasil (2020), o Brasil perdeu, nos últimos quatro anos, mais de 4,6 milhões de leitores, segundo dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. De 2015 para 2019, a porcentagem de leitores no Brasil caiu de 56% para 52%. Já os não leitores, ou seja, brasileiros com mais de 5 anos que não leram nenhum livro, nem mesmo em parte, nos últimos três meses, representam 48% da população, o equivalente a cerca de 93 milhões.

As maiores quedas no percentual de leitores foram observadas entre as pessoas com ensino superior - passando de 82% em 2015 para 68% em 2019 -, e entre os mais ricos. Na classe A, o percentual de leitores passou de 76% para 67%.

O brasileiro lê, em média, cinco livros por ano, sendo aproximadamente 2,4 livros lidos apenas em parte e, 2,5, inteiros. A Bíblia é apontada como o tipo de livro mais lido pelos entrevistados e também como o mais marcante. Esta é a 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró Livro em parceria com o Itaú Cultural.

“A dificuldade apontada é o tempo para leitura e o tempo que sobra está sendo usado nas redes sociais”. O estudo mostra que 82% dos leitores gostariam de ter lido mais. Quase a metade (47%) diz que não o fez por falta de tempo. Entre os não leitores, 34% alegaram falta de tempo e 28% disseram que não leram porque não gostam. Esse percentual é 5% entre os leitores. A internet e o WhatsApp ganharam espaço entre as atividades preferidas no tempo livre entre todos os entrevistados, leitores e não leitores. Em 2015, ao todo, 47% disseram usar a internet no tempo livre. Esse percentual aumentou para 66% em 2019. Já o uso do WhatsApp passou de 43% para 62% (Agência Brasil, 2020).

A pesquisa mostra ainda uma série de dificuldades de leitura. Entre os entrevistados, 4% disseram não saber ler, outros 19% disseram ler muito devagar; 13%, não ter concentração suficiente para ler; e, 9% não compreender a maior parte do que leem. Há ainda entraves para acesso aos livros. “O Brasil está vivendo uma crise na economia, vemos dificuldade para o acesso, para a compra [de livros]. As pessoas estão frequentando menos bibliotecas”.

Segundo a pesquisa, 5% dos leitores e 1% dos não leitores disseram não ter lido mais porque os livros são caros; e, 7% dos leitores e 2% dos não leitores não leram porque não há bibliotecas por perto.

Um dos fatores que influencia a leitura, de acordo com o estudo, é o incentivo de outras pessoas. Um a cada três entrevistados, o equivalente a 34%, disse que alguém os estimulou a gostar de ler. Os professores aparecem em primeiro lugar, apontados por 11%. Em segundo lugar está a mãe ou responsável do sexo feminino, apontado por 8%, e, em seguida, está o pai, responsável do sexo masculino ou algum outro parente apontado por 4%. “É fundamental investir na formação desse mediador. O professor, mediador de leitura, o bibliotecário que também assume de alguma forma esse papel. A pesquisa evidenciou a importância desse mediador quando é assumido por uma família, mas que é uma família de classe alta, de nível superior. E as crianças que vêm de famílias mais vulneráveis?”

Para Marcos Pereira, vice-presidente do Instituto Pró-Livro (IPL), “a diminuição no número de leitores também é reflexo da falta de políticas públicas de incentivo à leitura. O governo, em 2015, suspendeu todos os programas de literatura nas escolas, para fazer uma grande revisão do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE). Somente em 2019 foi realizado o novo modelo, o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) Literário - considerado mais inclusivo. ”

Pereira destaca que: “hoje na maioria das escolas a literatura é dada de maneira a fazer o aluno não gostar da matéria além de criar um desdém, nos alunos, pelos livros muitas vezes difíceis que são passados em sala de aula. Quando a matéria é introduzida de maneira errada e apenas para passar em um vestibular, se perde os valores que são queridos inicialmente e o aluno não realmente entende a importância da leitura. ”

Portanto, o trabalho da Academia Amapaense de Letras é de fundamental importância para contribuir no reduzir das assimetrias com relação aos níveis de acesso à leitura no estado do Amapá

PRODUÇÃO DA ACADEMIA AMAPAENSE DE LETRAS

Judson Porto

Cadeira 17; Patrono Joaquim Caetano da Silva

Este é um levantamento da produção literária em livros escritos pelos confrades e confeitras da Academia Amapaense de Letras, que em 21 de junho de 2023, dia de Solstício, completou seus 70 anos de existência e contribuição cultural e histórica ao ex-Território Federal e atual Estado do Amapá, que neste ano completou seus 80 anos de existência como ente federativo.

Esta relação é composta por livros poéticos, de contos, romances, fantasias e acadêmicos elaborados pelos integrantes deste silogeu, com aproximadamente 320 obras publicadas, corroborando para a sua identidade como uma das mais representativas da produção do conhecimento e cultural institucional amapaense.

Os livros em coorganização foram inseridos no rol do confrade ou confeitra que se apresentam como primeiro organizador na ficha catalográfica.

Não foram inseridos aqui os diversos capítulos de livros; as poesias, contos e romances publicados em coletânea, em periódicos científicos ou em sites. Se assim fizesse, este rol seria elevado à enésima potência desta produção intelectual e cultural desta Academia de Letras, a terceira mais antiga da Amazônia.

ADAURY SALLES FARIAS (ADAURY FARIAS)

- Micos dos amigos e meus também (2023).
- Duas princesas (2022).
- A chácara encantada (2021).
- A sabedoria do galinho Golias (2021).
- O resgate do sabiázinho (2021).
- O contrato entre o Rato e o Gato (2021).
- O jabuti guardião (2021).
- Passarinheiros (2021).
- Ma.ele.ta.fê.uru, Mistério na noite de sexta-feira (2021).
- Cenas mundanas de um bon vivant (2020).
- Deusolina Salles Farias - Alguns discursos onde as águas arrostam terras e paixões (2020).
- Estrela sem mistério - entre outras poesias de amor confesso (2020).
- Historinha que vovô contava (2020).
- Papagaios de verão - entre outras poesias sobre sentimentos passivos (2020).
- Quenguinha, a flor da sarjeta - entre outras poesias de críticas sociais e ambientais (2020).
- Striptease - entre outras poesias sobre paixões e desejos (2020).
- Sombra e água fresca - entre outras poesias de encantos e emoções (2020).
- Fala - O sargentário procecutor de alegorias (2019).
- Subjugados - Poesias recitadas (2018).

ALCINÉA MARIA CAVALCANTE COSTA (ALCINÉA CAVALCANTE)

AUTORIA

- Poetas do Amapá (2022).
- Poesia de Bolso (2019).
- Caneta Dourada (2019).
- Prosa de Bolso (2018).
- Ainda lembro (2017).
- A Pedra Encantada do Guindaste (2017).
- Em pequenos versos (2016)
- Paisagem Antiga (2012; 2ª edição em 2016).
- Alguma Poesia (2011).
- Estrela Azul (2001).
- Poemas (1976).

COAUTORIA

- Sambou... (2008).
- Varal (2008).
- Zero Voto (2008).

ALCY ARAÚJO

AUTORAL

- Ave ternura (2019).
- Jardim Clonal (1997)
- Poemas do Homem do Cais (1983).
- Autogeografia (1965; edição comemorativa em 2019).

COAUTORAL

- Modernos Poetas do Amapá (1960).

BENEDITO ROSTAN COSTA MARTINS (ROSTAN MARTINS)

- Literatura Amapaense - Poemas escolhidos (2020).

- Aonde tu vai, rapaz, por esses caminhos sozinho? Comunicação e semiótica do Marabaixo (2016).

- Momentos (2016).

- Luminal (2016).

- Lume - escritos do instante (2012).

- Coordenador executivo de campanha política eleitoral - candidato marca (2012)

- Alô, Alô, Amazônia - A linguagem da floresta no rádio (2005).

CARLOS NILSON DA COSTA

Antologia e iconografia poética (2021).

CÉSAR BERNARDO DE SOUZA (CÉSAR BERNARDO)

AUTOR

- A Praia de Dona Ana (2022).

- Janeiro & Zipo (2023).

- Contos que lhe conto (2017).

- O Doutor das Calçadas (2015).

- Mestre Açaizeiro e Assembleia dos peixes: Contos amazônicos (2011; 2ª edição, 2013).
- Assembleia dos Peixes (2013)

COAUTOR

- Macro Zoneamento Ecológico Econômico do Amapá (3ª ed. 2008, revista e ampliada).
- Zoneamento Ecológico Econômico da Região Sul do Estado do Amapá (2007)
- Mazagão: Realidades que devem ser conhecidas (2005).
- Laranjal do Jari: Realidades que devem ser conhecidas (2004).

CLÉO FARIAS DE ARAÚJO (CLÉO ARAÚJO)

AUTOR

- A saga Trevizani (2015).
- Escrito para você (2012).

COAUTOR

- Dicionário de amapês: A língua falada no Estado do Amapá (2012).

CRISTÓVÃO LINS

- Rio Amazonas: Suas riquezas e problemas (2021).
- O rio Jari no curso da história (2015).
- Amazônia: As raízes do atraso (2012).
- Jari, 70 anos de história (2001, 3ª edição).
- A Jari e a Amazônia (1997).

DOM LUIZ SOARES VIEIRA

Não perder a esperança (2015)

EDGAR RODRIGUES

- Niranaê (2018).
- Poeira. Poesia é Prosa. (2018).
- Comércio do Amapá a História. História do Comércio (2017).
- História do Ministério Público do Amapá (2006).

FERNANDO PIMENTEL CANTO (FERNANDO CANTO)

AUTORAIS

- Centauro e as amazonas (2021).
- Mama Guga - Contos da Amazônia (2017).
- Literatura da Pedras: A Fortaleza de São José de Macapá como locus das identidades amapaenses (2017).
- Vertentes discursivas da Fortaleza de São José de Macapá: das cartas dos construtores às transformações e apropriações simbólicas contemporâneas (2014).
- Adoradores do Sol - novo textuário do meio do mundo (2010).
- Equino Cio: Textuário do Meio do Mundo (2004).
- Poesia do Grão-Pará (2001).
- O Bálsamo e outros contos insanos (1995).

ORGANIZADOR

- 13 Contistas da Amazônia (1993).

COORGANIZADOR

- Coletânea de Poetas, Contistas e Cronistas do Meio do Mundo (2010).
- O Círio – Contos (1995).

FERNANDO RODRIGUES DOS SANTOS (FERNANDO SANTOS)

- História da conquista do Amapá (2013).
- Amapá no século XV: Rota de expedições de reconhecimento (2003).
- História do Amapá: Da autarquia Territorial ao fim do Janarismo (1943-1970) (1998).

GEORGENOR DE SOUSA FRANCO

- Poemas dentro da noite (1957).

GEORGENOR DE SOUSA FRANCO FILHO

AUTORAIS

- Reforma trabalhista em pontos (2018).
- Intimidade e privacidade do trabalhador (Direito Internacional e Comparado) (2016).
- Curso de Direito do Trabalho. (2015, 1ª edição; 2016, 2ª edição).
- Avaliando o Direito do Trabalho (2010).
- Trabalho na Amazônia: a questão dos migrantes (2006).
- Ética, Direito & Justiça (2004).
- Globalização do trabalho: rua sem saída (2001).

- Tratados internacionais (1999).
- O servidor público e a reforma administrativa (1998).
- Competência Internacional da Justiça do Trabalho (1998).
- Globalização & desemprego: mudanças nas relações de trabalho (1998).
- Direito do Trabalho no STF (1998, 1ª edição; 2018, 21ª edição).
- A nova lei de arbitragem e as relações de trabalho (1997).
- Relações de trabalho na Pan-Amazônia: a circulação de trabalhadores (1996).
- Liberdade sindical e direito de greve no direito comparado (lineamentos) (1992).
- A arbitragem e os conflitos coletivos de trabalho no Brasil (1990).
- Guia prático do trabalho doméstico (1989).
- Na vivência do Direito Internacional (1987).
- Na Academia: imortal por destino. Mosaico cultural (1987).
- Imunidade de jurisdição trabalhista dos entes de Direito Internacional Público (1986) (Prêmio “Oscar Saraiva” do Tribunal Superior do Trabalho).
- O Pacto Amazônico: ideias e conceitos (1979).
- A proteção internacional aos direitos humanos (1975).
- Direito do Mar (1974).

CO-AUTOR

- O mundo do trabalho no contexto das reformas (2017).
- Terceirização de Serviços e direitos sociais trabalhistas (2017).
- Direitos humanos dos trabalhadores (2016).

- Ciência e interpretação do direito (homenagem a Daniel Coelho de Souza) (2016).
- Direitos humanos e meio ambiente do trabalho (2016).
- Principiologia (estudos em homenagem ao centenário de Luiz de Pinho Pedreira da Silva) (2016).
- Direito ambiental do trabalho. Apontamentos para uma teoria geral (vol. 2) (2015).
- Estudos aprofundados da Magistratura Trabalhista (vol. 2) (2015).
- Doutrinas essenciais dano moral (Vol. IV – Questões diversas sobre dano moral) (2015).
- Doutrinas essenciais dano moral (Vol. I – Teoria do dano moral e direitos da personalidade) (2015).
- Ética e direitos fundamentais (estudos em memória do Prof. Washington Luís Cardoso da Silva) (2014).
- Os desafios jurídicos do século XXI: em homenagem aos 40 anos do curso de direito da UNAMA (2014).
- Estudos aprofundados Magistratura Trabalhista (vol. 2) (2014).
- Direitos fundamentais: questões contemporâneas (2014).
- 25 Anos da Constituição e o Direito do Trabalho (2013).
- Estudos aprofundados Magistratura Trabalhista (2013).
- Conciliação: um caminho para a paz social (2013).
- Dicionário Brasileiro de Direito do Trabalho (2013).
- Atualidades do direito do trabalho (Anais da Academia Nacional de Direito do Trabalho) (2011).
- Contemporaneidade e trabalho (aspectos materiais e processuais; estudos em homenagem aos 30 anos da Amatra 8) (2011).

- Jurisdição - crise, efetividade e plenitude institucional (vol. 3) (2010).
- Meio ambiente do trabalho (2010).
- Direito internacional: estudos em homenagem a Adherbal Meira Mattos (2009).
- Jurisdição - crise, efetividade e plenitude institucional (vol. 2) (2009).
- Curso de Direito Processual do Trabalho (em homenagem ao Ministro Pedro Paulo Teixeira Manus, do Tribunal Superior do Trabalho) (2008).
- As novas faces do direito do trabalho (em homenagem a Gilberto Gomes) (2006).
- Relações de Direito Coletivo Brasil-Itália (2004).
- Recursos trabalhistas (homenagem ao Ministro Vantuil Abdala) (2003).
- Constitucionalismo social (homenagem ao Ministro Marco Aurélio Mendes de Farias Mello) (2003).
- O direito do trabalho na sociedade contemporânea (II) (2003).
- Estudos de direito constitucional (homenagem ao Prof. Paulo Bonavides) (2001).
- O direito do trabalho na sociedade contemporânea (2001).
- Os novos paradigmas do Direito do Trabalho (homenagem ao Prof. Valentin Carrion) (2001).
- Temas relevantes de direito material e processual do trabalho (homenagem ao Prof. Pedro Paulo Teixeira Manus) (2000).
- Fundamentos do direito do trabalho (homenagem ao Ministro Milton de Moura França) (2000).

- Ordem econômica e social (homenagem ao Prof. Ary Brandão de Oliveira) (1999).
- Estudos de direito do trabalho e processo do trabalho (homenagem ao Prof. J. L. Ferreira Prunes) (1998).
- Manual de direito do trabalho (homenagem ao Prof. Cássio Mesquita Barros Júnior) (1998).
- Direito internacional no Terceiro Milênio (homenagem ao Prof. Vicente Marotta Rangel) (1998).
- Direito do Trabalho (homenagem ao Prof. Luiz de Pinho Pedreira da Silva) (1998).
- Estudos de Direito (homenagem ao Prof. Washington Luiz da Trindade) (1998).
- Direito sindical brasileiro (homenagem ao Prof. Arion Sayão Romita) (1998).
- Processo do trabalho (homenagem ao Prof. José Augusto Rodrigues Pinto) (1997).
- Estudos de direito do trabalho (homenagem ao Prof. Júlio Malhadas) (1992).

COORGANIZADOR

- Direito Internacional do Trabalho. O estado da arte sobre a aplicação das convenções internacionais da OIT no Brasil (2016)
- Temas atuais de direito (volume II) (2014)
- As lendas da Amazônia e o Direito. (2014)
- Temas atuais de direito (2013)
- Trabalho da mulher (Estudos em homenagem a jurista Alice Monteiro de Barros (2009).
- Direito e processo do trabalho em transformação (2007).

- Presente e futuro das relações de trabalho (2000).
- Curso de direito coletivo do trabalho (1998).
- Direito do trabalho e a nova ordem constitucional (1991).

ISNARD LIMA

- Seiva da energia radiante (2019).

IVAN CARLO ANDRADE DE OLIVEIRA (GIAN DANTON)

AUTORAL

- Ciência e quadrinhos (2023).
- Introdução à cibernética (2023).
- Jornalismo em quadrinhos (2022).
- A bíblia do roteiro de quadrinhos (2020).
- Cabanagem (2020).
- Hiper-realidade e simulacro nos quadrinhos: a fantástica história de Francisco Iwerten (2019).
- O uivo da Górgona (2016).
- Francisco Iwerten: a biografia de uma lenda (2016).
- O roteiro nas histórias em quadrinhos (2016).
- Como escrever quadrinhos (2015).
- Introdução ao Jornalismo (2014).
- Galeão (2013).
- Grafipar: a editora que saiu do eixo (2012).
- Mundo Monstro - o estranho caso do vampiro assassino (2011).

- Caligari: do cinema aos quadrinhos (2010).
- O roteiro nas histórias em quadrinhos (2010, 2ª edição, 2022).
- A queda do muro de Berlim (2009).
- Robin Hood (2007).
- Ben-hur - clássicos da literatura juvenil (2007).
- Ciência e quadrinhos (2005).
- Watchmen e a teoria do caos (2005, 2ª edição em 2014).
- Introdução à metodologia científica (2004; 2008; 2019 revista e atualizada).
- Critérios de escolha de notícias no jornalismo amapaense (2003).
- O anjo da morte (2002).
- Agulha hipodérmica: o poder e os efeitos dos meios de comunicação de massa (2002).
- Cultura pop (2002).

COORGANIZADOR

- Jornalismo em quadrinhos – intersecções (2023).
- A linguagem dos quadrinhos (2020).
- Cultura pop, comunicação e linguagem (2020).

JACK CORRÊA

- Mundo negro (2023).
- Mundo negro: a inversão de papéis (2023)
- Trajetória de vida: o etarismo em versos e estrofes (2023).

- Conhecimentos educacionais necessários à participação e envolvimento social-escolar (2022).
- Fatores da evasão de alunos dos cursos de Francês (2020).
- Violência discente: estratégias para o enfrentamento (2020).

JADSON LUÍS REBELO PORTO (JADSON PORTO)

AUTORAIS

- Amor à primeira letra (2023).
- E foi assim... (2023).
- E se o acaso aprover... (2022).
- Pintura (2022).
- As aventuras da Pororoca Woman (2022).
- Vozes (2022).
- Discursos (2022).
- Limites, alcances e vivências (2021).
- Fiat lux (2021).
- Entre rotas, roteiros e caminhos (2021).
- Entre o tempo e o limite, entre andanças e descobrimentos (2020).
- Desenvolvimento geográfico desigual da faixa de fronteira da Amazônia setentrional brasileira: Reformas da condição fronteira amapaense (1943-2013) (2020).
- Entre palavras e caminhos (2020).
- Amapá: Principais transformações econômicas e institucionais - 1943 a 2000 (2003; 2ª edição em 2007).

- Área de Livre Comércio de Macapá e Santana: Questões geoeconômicas (1999).

COAUTOR

- Área de Livre Comércio de Macapá e Santana: Questões geoeconômicas (1999).

ORGANIZADOR

- Os Territórios Federais no Brasil: Aspectos de um ente em construção (2023).

- Amapá: Oitenta anos de novas acionalidades e dinâmicas territoriais (1943-2023) (2023).

- Encontros e percepções geográficas: Diálogos e provocações (2022).

- Condicionantes construídos: reflexões sobre as transformações espaciais amapaenses (2007).

- (Re)construções amapaenses: 60 anos de transformações espaciais (2006).

- Amapá: Aspectos de uma Geografia em construção (2005).

- Transformações espaciais e institucionais do Amapá: conflitos e perspectivas (2005).

COORGANIZADOR

- Mestrado em Desenvolvimento Regional: 15 Anos, na busca de sinergias, possibilidades e expectativas de desenvolvimento (2022).

- De apagão a apagado: Ensaio sobre a questão energética amapaense (2021).

- Entre rotas e caminhos: até onde o rio-mar chega e o mar alcança o (2021).
- Entre espaços regionais e locais: Intenções de desenvolvimento (2021).
- Cadernos de resumo do I Simpósio de Pós-Graduação Mestrado em Desenvolvimento Regional (2021).
- Anais do 1º Seminário do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia (Procad Amazônia): Entre estratégias de desenvolvimento regional e as dinâmicas territoriais do Amapá e Tocantins - Intenções de dois estados em construção (2020).
- Espacios globales para la expansión del capital transnacional en el continente americano (2020).
- Las ciudades entre miradas diversas (2019).
- Estrategias territoriales para la ocupación del continente sudamericano: inserción de la periferia e institucionalización espacial (2018).
- Faces da fronteira: entre histórias e espaços, encontros e desencontros (2018).
- Planes geoestratégicos, securitización y resistencia en las Américas (2018).
- Faces da Fronteira: desafios e perspectivas de regiões limítrofes (2017).
- Faces da fronteira: Transformações e dinamismo históricos das linhas setentrional e meridional sul-americana (2016).
- A Fronteira Setentrional Brasileira: Das histórias pós-coloniais à formação de uma fronteira tardia (2015).
- Dinâmicas periférico-estratégicas da fronteira da Amazônia Setentrional: das políticas públicas e redes institucionais à integração espacial (2013).

- Fronteiras em perspectiva comparada e temas de defesa da Amazônia (2013).
- Reformatações Fronteiriças no Platô das Guianas: (re)territorialidades de cooperações em construção (2011).
- Interações Fronteiriças no Platô das Guianas: Novas construções, novas territorialidades (2010).

JOÃO DO NASCIMENTO BARBOSA (JOÃO BARBOSA)

- O pecador de sonhos (2021).
- Detalhe em retalho (2014).
- Gritos no olhar (2007).
- Aprendendo com versos (2001).

JOÃO WILSON SAVINO CARVALHO (WILSON CARVALHO)

- Amor à vida - Edição comemorativa 70 anos da AAL (2023).
- O cara que falava com os mortos (2022).
- O acaso no tempo da ditadura (2021).
- Contos Premiados (2020).
- Contos que acariciam a alma (2020).
- Interfaces da Educação: história, política, saberes e práticas para além da fronteira amazônica (2015).
- Psicocontos (2013).
- Da Vida e da Sorte por 10 Contos (2012).
- Da vida e da sorte por dez contos (2012).
- Textos Básicos em Filosofia (2002).

JOAQUIM CAETANO DA SILVA

- Fragment d'une mémoire sur la chute des corps (1836).
- Quelques idées de philosophie médicale (1837).
- Memória sobre os limites do Brasil com a Guiana Francesa (1851).
- L'Oyapok et l'Amazone (1861).
- Questões americanas (1863).

JOAQUIM FRANCISCO DE MENDONÇA JUNIOR (MÚCIO JAVROT)

- Crepusculares (1884).

JOSÉ ALBERTO TOSTES (JOSÉ TOSTES)

- A fantástica percepção de mundo: Toda viagem é uma busca (2021).
- Macapá nem antes ou depois (2020).
- Os distintos olhares do Plano Diretor de 2004 (2020).
- Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo na Amazônia (2019).
- Planejamento urbano regional no Estado do Amapá (2018)
- Em busca do plano perdido (2016)
- Do tijolo nu ao concreto bruto (2014)
- Pensar a cidade (2014).
- Além da Linha do Horizonte (2012).
- Transformações Urbanas das Pequenas Cidades Amazônicas (AP) na Faixa de Fronteira Setentrional (2011).

- Planos Diretores no Estado do Amapá: A Experiência do Município do Laranjal do Jari (2009).
- Planos Diretores no Estado do Amapá: Uma contribuição para o desenvolvimento regional (2006).
- Arte latina desde a independência (2001).
- Arte latino-americana contemporânea (2000).

JOSÉ QUEIROZ PASTANA

- Oscilações (1987)

MANOEL AZEVEDO DE SOUZA

- Histórias vividas e narradas: as identidades amapaenses no Jornal Amapá (1945-1968) (2017)
- Relações Interculturais Amapá / Guiana Francesa, no Contestado Franco-Brasileiro: um olhar a partir do romance Saraminda, de José Sarney (2014).

MANOEL BISPO

- Obra reunida (2019).
- Palavras de festim (2007).
- Amostra Grátis (2004).
- Intátil (2002).
- Canto dos meus Cantares (1990).
- Mental Real (1986).

ORGANIZADOR

- Coletânea de poetas, contistas e cronistas do meio do mundo (2010) - 4 volumes
- Cristais das horas (1978).
- Poetas do meio do mundo (2009).

MARIA ÂNGELA DA COSTA NUNES

- De amor e fé (2013).

MARIA JOSÉ ARAÚJO SOUZA (JÔ ARAÚJO)

- À luz dos Versos (2020).
- Pedra Fundamental (1997).

MAURO SÉRGIO SOARES RABELO (MAURO RABELO)

- CEBS - Comunidades Eclesiais de Base. Presença Evangelizadora na Amazônia (2020; 2ª edição em 2023).
- O Ensino da Matemática e Língua Portuguesa no Século XXI. Com o Advento das Tecnologias Digitais (2020).
- O Laboratório de Informática, Aplicação Prática no Ensino Fundamental, nas Disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática: Um Estudo de Caso no Centro de Ensino Madre Tereza (2020).

COAUTOR

- O ensino de sociologia em comunidades ribeirinhas da Amazônia pelo instrumento didático das oficinas pedagógicas (2023).
- Uma Metodologia para aulas de Filosofia nas Escolas do Ensino Médio nos Rios da Amazônia (2023).
- Histórias de um Missionário Italiano: Nas Ilhas da Amazônia (2020).

- As Novas Tecnologias: Sua Aplicação Prática no Ensino da Língua Portuguesa e Matemática (2018).

PAULO TARSO BARROS

- História de um Sino (2013).
- Os Silêncios da Eternidade (2013).
- Sogra na Vida da Gente (2004).
- O Benzedor de Espingarda (1998; 2ª edição 2023).
- As Peripécias de Bergson (1998).
- Existencial do Pássaro Migratório (1997; 2ª edição em 1998).
- O Devaneio é o cetro do poeta (1997).
- Inventário das buscas (1997).
- Canção numa hora de encontros e desencontros (1997).
- No dentro de mim (1986).
- Poemas de aço (1986).

PIEIDADE LINO VIDEIRA

- Educação, diversidades e culturas: Entrecruzamentos nas Amazônias (2022).
- Mulheres negras: Fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos (2019).
- Reafirmando direitos: trajetórias de estudantes cotistas negros/as no ensino superior brasileiro (2019).
- Batuques, Folias, Ladainhas: a Cultura do Quilombo do Criau em Macapá e sua Educação (2013).
- Marabaixo dança afrodescendente: Significando a identidade étnica do negro amapaense (2009; 2ª edição em 2020).

RAQUEL TOURINHO BRAGA (RAQUEL BRAGA)

- Os Estatutos do Homem Pós-Pandemia – Poema (2020).
- Divagações (2018).

RICARDO PONTES

- Mistério de Safira (2022).
- Saga (2018).
- Expressão d'alma (2009).
- Gotas da Imaginação (1998).
- Raízes do Amanhã (1994).

SAULO CARNEIRO RIBEIRO (SAULO RIBEIRO TORQUATO)

- Rosas têm Espinhos (2022).
- Megafone (2020).

TIAGO DE OLIVEIRA QUINGOSTA DE SOUSA (TIAGO QUINGOSTA)

AUTORAL

- Aluvional (2022).

COAUTORAL

- Trilogia poética: os opostos existenciais (2016).
- Foz Florescente (2013).

ORGANIZADOR

- Pena & Pergaminho (2018).

SOBRES OS AUTORES

Anita Zippin: Advogada, escritora; Presidente da Academia de Letras José de Alencar, cadeira 7, Patrono: Humberto de Campos, primeiro ocupante: Lourival Portela Natanael, segundo ocupante, José Wanderley Dias Jr.; Diretora do Observatório da Cultura Paranaense.

Fernando Pimentel Canto (1954): Cientista Social; Mestre em Desenvolvimento Regional; Doutor em Sociologia. Presidente da Academia Amapaense de Letras, cadeira 4, Patrono Coaracy Gentil Nunes.

Georgenor de Sousa Franco Filho (1952): Fundador da Academia Amapaense de Letras, cadeira 12, Patrono Georgenor de Sousa Franco. Site: <https://www.trt8.jus.br/estrutura-do-tribunal/desembargador/georgenor-de-sousa-franco-filho>.

Jadson Luís Rebelo Porto (1967): Geógrafo; Mestre em Geografia; Doutor em Ciência Econômica; Pós-Doutor (Desenvolvimento Regional; em Geografia; em Estudos Sociais); Professor Titular da Universidade Federal do Amapá; Professor do Mestrado em Desenvolvimento da Amazônia Sustentável da UNIFAP; Pesquisador Destaque – 2021 (SETEC/Amapá). Efetivo da Academia Amapaense de Letras (Macapá, AP), cadeira 17, Patrono Joaquim Caetano da Silva (2022); Efetivo da Academia de Letras José de Alencar (Curitiba, PR), cadeira 3, Patrono Alberto Oliveira (2022). E-mail: jadsonporto@yahoo.com.br. Site: www.jadsonporto.blogspot.com.br.

Janary Gentil Nunes (1912-1984): Primeiro governador do Território Federal do Amapá. Patrono e fundador da Academia Amapaense de Letras, cadeira 15.

João Wilson Savino Carvalho (1955): Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU/MG; Professor Associado da Universidade Federal do Amapá). Efetivo da Academia Amapaense de Letras, cadeira 18, Patrono Joaquim Gomes Diniz. E-mail: wilsoncarvalho@unifap.br. Site: wilsoncarvalho.com.br.

José Alberto Tostes (1964): Arquiteto e Urbanista; Mestre em História e Teoria da Arquitetura; Doutor em História e Teoria da Arquitetura. É professor Titular da Universidade Federal do Amapá. Efetivo da Academia Amapaense de Letras, cadeira 18, Patrono Waldemiro Gomes. E-mail: tostes.j@hotmail.com. Site: www.josealbertostes.blogspot.com.

Nilson Montoril de Araújo (1944-2023): Historiador; Jornalista; Presidente da Academia Amapaense de Letras (1988-2022). Fundador da Academia Amapaense de Letras, cadeira 10, Patrono Francisco Torquato de Araújo.

Yurgel Pantoja Caldas: Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais; Coordenador do Mestrado em Letras da Universidade Federal do Amapá.

ESTA OBRA É O PRIMEIRO REGISTRO DOS DISCURSOS ELABORADOS POR CONFRADES E CONFREIRAS NO ANO DE 2023, QUANDO O ESTADO DO AMAPÁ COMPLETA SUAS OITO DÉCADAS DE EXISTÊNCIA E A ACADEMIA AMAPAENSE DE LETRAS, SUAS SETE.

JADSON PORTO

A ACADEMIA AMAPAENSE DE LETRAS RESSURGE TENTANDO TRAZER PARA SI AS RESPONSABILIDADES QUE LHE CABIAM DESDE SUA FUNDAÇÃO EM 1953, QUE É DEMOCRATIZAR SUAS AÇÕES, A PRODUÇÃO LITERÁRIA DE SEUS MEMBROS, MAS NÃO SÓ, ALÉM DE PROMOVER O GOSTO PELA LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS POR TODO O ESTADO DO AMAPÁ.

YURGEL CALDAS



QUERER QUE PÁGINAS E MAIS PÁGINAS SEJAM LIDAS EM SOLENIDADES, É DEMAIS PARA QUEM OUVI E TAMBÉM PARA AQUELES QUE ESTÃO A DISCURSAR. ASSIM, VEMOS BELOS TEXTOS ELEVANDO ESCRITORES DE OUTRAS ÉPOCAS E DE OUTROS PAÍSES, AO MESMO TEMPO EM QUE TODOS ENALTECEM ESTE ESTADO PROMISSOR. VALE A PENA TER EM MÃOS SEMPRE ESTA OBRA LITERÁRIA, SENTIR O QUE OS ESCRITORES QUEREM DIZER COM PALAVRAS QUE CALAM NA ALMA E VÃO DIRETO AO CORAÇÃO DE QUEM AMA O BRASIL ACIMA DE TUDO.

**EXEMPLO ESTA ACADEMIA!
ANITA ZIPPIN**



Uniedusul

ISBN: 978-65-5418-055-9